UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM TÊXTIL E MODA

CLARICE KEIKO OISHI

**Além das fronteiras da moda, dobras e desdobras da costura do invisível: a
trajetória profissional de Jum Nakao**

São Paulo

2017

CLARICE KEIKO OISHI

Além das fronteiras da moda, dobras e desdobras da costura do invisível: a trajetória profissional de Jum Nakao

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós Graduação em Têxtil e Moda.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 26 de setembro de 2017. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de concentração:

Projeto de Têxtil e Moda

Orientador:

Prof. Dr. Antonio Takao Kanamaru

São Paulo

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

Oishi, Clarice Keiko

Além das fronteiras da moda, dobras e desdobras da costura
do invisível : a trajetória profissional de Jum Nakao / Clarice Keiko
Oishi ; orientador, Antonio Takao Kanamaru – 2017
98 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-
Graduação em Têxtil e Moda, Escola de Artes, Ciências e
Humanidades, Universidade de São Paulo
Versão corrigida

1. Moda. 2. Design. 3. Estilistas – Brasil. 4. Nakao,
Jum, 1966- I. Kanamaru, Antonio Takao , orient. II. Título.

CDD 22.ed. – 391

Nome: OISHI, Clarice Keiko

Título: Além das fronteiras da moda, dobras e desdobras da costura do invisível: a trajetória profissional de Jum Nakao

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Ciências do Programa de Pós Graduação em Têxtil e Moda

Área de concentração:

Projeto de Têxtil e Moda

Aprovado em: 26/09/2017

Banca Examinadora

Prof. Dr. Antonio Takao Kanamaru

Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades

Profa. Dra. Régia Cristina Oliveira

Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades

Profa. Dra. Tatiana Sakurai

Universidade de São Paulo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Prof. Dr. Artur Ferreira Cole

Universidade do Grande ABC

Dedico este trabalho aos meus pais,
Taeko Mitiyori Oishi (in memorian) e
Akira Oishi, com muita gratidão e amor.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por todas as bênçãos, proteções e orientações concedidas durante toda a trajetória para a materialização deste trabalho.

Ao professor orientador Dr. Antonio Takao Kanamaru pela oportunidade, orientação e comprometimento.

A Jum Nakao, inspiração para a vida!

A todos os professores das disciplinas cursadas, pois foram fundamentais para dar corpo ao projeto de pesquisa.

Às Examinadoras, Profa. Dra. Tatiana Sakurai (FAU/USP) e Profa. Dra. Régia Cristina de Oliveira (EACH/USP-Leste) pelas generosas avaliações e recomendações.

A Cristiane Pereira da Silva, do Serviço de Pós Graduação da EACH, pela prontidão na resolução dos problemas.

Aos funcionários da Secretaria e Biblioteca da EACH, especialmente a Analucia Recine, Sandra Tokarevicz e Brenda Fontes Malheiros de Castro.

Ao Artur Cole pela amizade e conversas pontuais referentes à pesquisa.

A Valéria Pereira da Silva pela ajuda inestimável!

A Soraia Pauli Scarpa pela ajuda e companheirismo em momentos fundamentais e decisivos!

À minha amiga, Maria de Jesus do Nascimento, por me dar abrigo em São Paulo para que eu pudesse finalizar o trabalho com conforto, internet, café e comida típica nordestina.

À minha família e amigos pelo apoio incondicional.

Gratidão a Eduardo Dip, amor da minha vida, que mesmo de longe, manda vibrações positivas todos os dias, e apesar das minhas crises, sempre acreditou e incentivou!

“Tenho percebido, desde o desfile, que, mesmo sem ter produzido uma única peça, nunca vesti tantas pessoas.”

(Jum Nakao, 2005)

RESUMO

OISHI, Clarice Keiko. **Além das fronteiras da moda, dobras e desdobras da costura do invisível:** a trajetória profissional de Jum Nakao. 2017. 98 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) –Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Versão corrigida.

Esta dissertação analisa de forma crítica a trajetória profissional de Jum Nakao, com o objetivo de investigar o seu papel transformador socioeducacional e cultural presente em seu projeto e conceitos de criação e produção, a partir de conceitos contemporâneos de interdisciplinaridade, dobra e afetividade, tendo como objeto principal de estudo seu percurso a partir do desfile performance “A costura do invisível”.

Palavras-chave: Jum Nakao. Moda. Design. A Costura do Invisível. Transformação

Socioeducacional e Cultural.

ABSTRACT

OISHI, Clarice Keiko. **Beyond the frontiers of fashion. Folding and unfolding of the seam of the invisible:** The professional trajectory of Jum Nakao. 2017. 98 p. Dissertation (Master of Science) - School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2017. Corrected version.

This dissertation analyzes in a critical point of view the professional trajectory of Jum Nakao, with the objective of investigating his socio-educational and cultural transformative role present in his project and concepts of creation and production, based on contemporary concepts of interdisciplinarity, bending and affectivity. Main object of study his route from the performance parade "The seam of the invisible".

Keywords: Jum Nakao. Fashion. Design. The Sewing of the Invisible. Socio-educational and cultural transformation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Jum Nakao	20
Figura 2 – Jum Nakao em 2012, no projeto "A Hora do Brasil", Fortaleza, CE.....	25
Figura 3 – Jum Nakao e outros designers de moda - Phytoervas Fashion.....	27
Figura 4 – Desfile “A Costura do Invisível”	29
Figura 5 – Processo Criativo	30
Figura 6 – Bonecos Playmobil, desenvolvidos por Hans Beck em 1974.....	31
Figura 7 – “Cabeças de Playmobil”, desfile “Costura do Invisível”.....	31
Figura 8 - A Costura do Invisível.....	33
Figura 9 - A Costura do Invisível.....	34
Figura 10 - “repetir, repetir, até ficar diferente” (NAKAO, 2005, p.63)	35
Figura 11 – Fonte do Desejo, 2004 – fonte, urna e papel vegetal.....	37
Figura 12 – Fonte do Desejo, livro: “A Costura do Invisível”.....	38
Figura 13 – Fonte do Desejo quebrada.....	38
Figura 14 - Capa do livro: A Costura do Invisível – ao fundo em marca d’água as filipetas com os desejos dos espectadores que interagiram com a instalação “A Fonte do Desejo”.....	40
Figura 15 - Luminária Risca de Giz, Dominici, design de Jum Nakao, 2007.....	62
Figura 16 – Balanço à beira da estrada.....	63
Figura 17 – Móvel para DPOT 2010.....	63
Figura 18 – “Moving”, Tok Stok, 2010. Design de Jum Nakao.....	64
Figuras 19 e 20 – Linha Água Viva e imagem de uma água viva.....	66

Figura 21 – Linha Água Viva	67
Figura 22 – Design do Autor III – Jum Nakao – esboços.....	69
Figura 23 – Aparador Boas Vindas.....	70
Figura 24 – Poltrona Aconchego e Apoio de pernas Bom Descanso.....	71
Figura 25 – Poltrona Aconchego	72
Figura 26 – Mesinha Encanto	72
Figura 27 – Mesa Harmonia Visa ao compartilhamento de alimentos e afetos.....	74
Figura 28 – Cadeira Nuvens.....	74
Figura 29 – Luminária Outono.....	75
Figura 30 – Luminária Bons Fluidos.....	76
Figura 31 – Luminária Mimo.....	77
Figura 32 – Luminária Equilíbrio	78
Figuras 33 e 34 - Criado-mudo Bons Sonhos e esboço do móvel por Jum Nakao.....	78
Figura 35 – Bar Viva.....	79

ABREVIATURAS E SIGLAS

CIT	-	Coordenação Industrial Têxtil
EACH	-	Escola de Artes, Ciências e Humanidades
ESDI	-	Escola Superior de Desenho Industrial
FAAP	-	Faculdade Armando Álvares Penteado
FAU	-	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Fenit	-	Feira de Negócios da Indústria Têxtil
SENAC	-	Serviço Nacional do Comércio

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	JUM NAKAO: ORIGENS E VÍNCULOS	20
2.1	FORMAÇÃO E TRAJETÓRIA PROFISSIONAL.....	24
2.2	A COSTURA DO INVISÍVEL	28
2.2.1	INSTALAÇÃO: A FONTE DOS DESEJOS E O CERNE DA QUESTÃO SOCIOEDUCACIONAL.....	36
3	ALÉM DAS FRONTEIRAS DA MODA: DOBRAS E DESDOBRAS:	42
3.1	NOÇÃO DE FELICIDADE NA OBRA DE JUM NAKAO.....	43
3.2	ÉTICA E FELICIDADE.....	47
3.3	O BELO EM SÃO TOMÁS DE AQUINO.....	51
3.4	IDEAIS ESTÉTICOS NA CULTURA JAPONESA.....	54
4	A ESTÉTICA DA FELICIDADE E O MOBILIÁRIO DE JUM NAKAO	58
4.1	MOBILIÁRIO	58
4.2	OUTRAS EXPERIÊNCIAS, OUTROS PERCURSOS: DOS PROJETOS DE EDUCAÇÃO ÀS ARTES PLÁSTICAS.....	79
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS:	82
	REFERÊNCIAS	85
	ANEXO: CARREIRA PROFISSIONAL – JUM NAKAO	90

1. INTRODUÇÃO

Jum Nakao, brasileiro e neto de japoneses, é designer de moda, designer industrial, artista plástico, designer, professor e diretor de criação. Autor de projetos multifacetados e interdisciplinares, ele não se reconhece em apenas cada uma destas facetas. Hoje, ele é mundialmente reconhecido pelos seus impactantes trabalhos em diversas áreas de atuação e também do conhecimento.

Sua performance realizada em 2004 no São Paulo Fashion Week, onde, ao final, suas modelos rasgaram elaboradíssimas roupas de papel, o desfile A Costura do Invisível, foi um marco que ultrapassou as fronteiras da Moda, fazendo com que o Museu da Moda de Paris o considerasse um dos maiores desfiles, do século XIX aos dias atuais.

Jum Nakao descreve a si mesmo como artista multimídia, designer e diretor de criação (NAKAO, 2007). Afirmou, certa vez, que gostou muito de ter sido chamado de “mestre”, durante o primeiro curso que lecionou no meio acadêmico. Pois esta palavra o lembrou do termo “maestro”, aquele que conduz e rege uma orquestra. Esta orquestra, o domínio das dissonâncias em pura harmonia, talvez seja o que ele incessantemente busque em seu percurso que entrecruza várias formas de agir, criar e conhecer.

A Costura do Invisível foi um marco na carreira de Jum Nakao, e sua importância está relacionada, sobretudo, aos seus inúmeros desdobramentos interdisciplinares, nos campos da moda, arte e do design. A partir deste momento, Nakao passou a atuar também como educador, ao proferir palestras e *workshops* sobre o processo criativo no Brasil e no mundo, com a missão, que ele próprio assumiu, de transformar pessoas, além da moda e do design.

A origem deste trabalho concretizado nesta dissertação de mestrado, surgiu por meio de uma conexão entre as percepções expressas por Nakao e a fonte de inspiração representada pela disciplina “Design Posto em Questão”, conduzida pela Prof. Dra. Maria Cecília Loschiavo dos Santos no Programa de Pós-Graduação da FAU-USP. Entre outras questões, o curso propunha refletir sobre os sentidos e a natureza do design, além de seu campo de ação. Debateu-se as relações entre o design e outras áreas de conhecimento, assim como as novas fronteiras para o design industrial. Uma das questões que mais contribuíram para a presente pesquisa foram as reflexões sobre o sentido da cultura social do produto e a dimensão social do

design, além das discussões sobre o posicionamento do design na cultura contemporânea¹.

Foi aí que surgiu a primeira inspiração para este trabalho. A partir das aulas desta disciplina, despertou-se na pesquisadora a percepção da importância de questões que envolvem a discussão de aspectos tais como o conteúdo da produção cultural; a percepção dos fenômenos em nosso entorno; a questão da materialidade e o seu real valor; e a busca e adoção ou revitalização de caminhos, valores e ética.

Um dos textos analisados durante o curso também serviu como ponto de partida para a análise da obra de Jum Nakao, considerada no âmbito da interdisciplinaridade. Foi feito um estudo e análise do texto de Aloísio Magalhães (1927-1982), designer, artista plástico e um dos fundadores da ESDI, expostas em seu documento "O que o desenho industrial pode fazer pelo país?" (MAGALHÃES, 1998), com a discussão dos aspectos que o fundamentam, e cujos elementos principais, delineados rapidamente a seguir.

Magalhães apresentou, neste documento, um modelo intuitivo, ou modelo latino, no qual a partir do terreno intuitivo, agrega-se a razão para o processo de desenvolvimento do produto.

O autor procede a uma revisão dos conceitos do Design, expandindo-os para além das questões da forma e função do produto; considera a questão da "consciência", considerando a relação entre a modéstia de nossos recursos e a amplitude do espaço territorial; a responsabilidade ética, que diz respeito às pequenas áreas altamente concentradas de riquezas e benefícios e grandes áreas rarefeitas e pobres; o caráter interdisciplinar do Design e a relação entre diferentes saberes; e os fatores sociais – a compreensão do todo cultural, como parte do processo.

Desse modo, Aloísio Magalhães, há quase quarenta anos atrás, formulou questões que continuam emergentes e atuais. É possível que o trabalho apresentado por Jum Nakao reformule e realinhe estes conceitos, recolocando-os em discussão:

Transitamos num espectro amplo de diversidade de saberes e de situações muito distanciadas: da pedra lascada ao computador. Não estarão aí algumas indicações de uma reconceitualização da atividade? Não será esta a tarefa que deveremos fazer? (MAGALHÃES, 1998, p.12).

¹ Programa da disciplina AUP 05864, O DESIGN POSTO EM QUESTÃO, oferecido pela prof. Dra. Maria Cecília Loschiavo dos Santos (cópia).

Às questões apresentadas por Aloísio Magalhães em seu documento pode-se considerar como "respostas" (ou diálogos) as ações de Jum Nakao. Tais ações apontam para novos caminhos. De forma até bastante dolorosa, pois ocorre uma ruptura, uma desconstrução pessoal e profissional, a exposição do caos vista como necessária à evolução.

Imbuída nas ações de Jum Nakao, por meio de estudos e análises, baseados em procedimentos bibliográficos, procedimentos de análise iconográfica, pretende-se apresentar um novo paradigma socioeducacional e cultural norteadas pelos valores de ética e estética, com vistas a investigar o seu papel transformador presente nas obras de Nakao.

O objetivo principal desta pesquisa é estudar e analisar de forma crítica a trajetória profissional de Jum Nakao, que inclui produção de moda, arte e design, tendo em vista investigar o seu papel transformador, socioeducacional e cultural presente em suas obras, seu ensino e seu pensamento, no contexto da cultura brasileira contemporânea.

Os conceitos contemporâneos de interdisciplinaridade, dobra e afetividade foram os instrumentais utilizados para investigar a obra de Nakao, cujo percurso foi analisado tendo como marco privilegiado o desfile-performance "A Costura do Invisível", apresentado em 2004.

A justificativa deste trabalho está relacionada ao posicionamento único de Jum Nakao na confluência entre o campo da moda, das artes visuais, e de seu interesse pela educação em todas as suas performances, atuações e produções culturais.

Com relação à metodologia da pesquisa, trata-se de investigação sob abordagem histórica em etapa exploratória, que envolve neste estágio de trabalho nossa introdução ao universo das obras do designer Jum Nakao. Em etapa ulterior em nível de doutorado, abordaremos com mais proximidade a relação entre vida, obra e contexto desse sofisticado e complexo autor brasileiro. Para coleta e análise de dados a pesquisa foi realizada por meio de procedimentos bibliográficos e iconográficos, abrangendo a riqueza moderna de projeto e conceitos, principalmente relacionados ao processo criativo e seus desdobramentos. Realizamos a análise dos projetos de design de mobiliário que relacionam as criações de Jum Nakao aos conceitos de bem-estar e felicidade, bem como o seu percurso em áreas das artes e da educação, que revela suas fronteiras expandidas para além do design.

No capítulo 1 serão abordados aspectos metodológicos relacionados ao objeto de estudo, suas interfaces da moda e do design e autores de referências bibliográficas dentro do pensamento contemporâneo, que darão suporte teórico para as análises iconográficas das obras de Nakao, oriundas da moda, mas expandidas para muito além de suas fronteiras.

O capítulo 2 está estruturado de forma a abordar as origens e a trajetória profissional de Nakao, em consonância com o contexto da história da moda no Brasil. Conceitos contemporâneos de “dobra e afetividade”, quanto a questão da cultura e pertencimento. O projeto “A Costura do Invisível”, que seria a última participação de Nakao na São Paulo *Fashion Week*, cujo desfile-manifesto pode ser interpretado e articulado como um caminho e uma possível resposta ao apelo do designer, artista plástico e um dos fundadores da ESDI, Aloísio Magalhães (1927-1982), expostas em seu documento “O que o desenho industrial pode fazer pelo país?” (MAGALHÃES, 1998).

O Capítulo 3, “Dobras e desdobras: além das fronteiras da Moda” examina as contribuições de Jum Nakao para outras áreas, expandindo os sentidos para a criação de um novo estigma de vida. Além do mais, é esboçado um arcabouço teórico que relaciona os valores éticos e estéticos de Jum Nakao às ideias fundadoras originárias da filosofia grega, com Aristóteles e seu desenvolvimento em São Tomás de Aquino, e também à relação entre uma concepção entre o belo e da felicidade humanas a um posicionamento ético. E, em último lugar, um breve relance sobre os ideais estéticos e a visão da natureza na cultura japonesa.

O capítulo 4, “A estética da felicidade e o mobiliário de Jum Nakao” irá tratar de suas experiências no design industrial e na arquitetura de interiores, e também percorrerá algumas de suas ações em outras áreas, como nas artes plásticas. Dentro desta análise e embasamento bibliográfico, será analisado o mobiliário desenvolvido por Nakao em 2012. Sua participação na Casa Cor 2012 de São Paulo, cujo tema foi moda, estilo e tecnologia, e sua atuação como designer de mobiliário pela empresa gaúcha Schuster, que deu o aporte necessário para as suas criações e conceitos apresentados. E o estudo será pautado na questão do design como linguagem, que comunica com o seu interlocutor por meio da gentileza das formas e materiais utilizados, a questão democratizadora do design e de projetos com a função socioeducacional, e com claras intenções de causar impacto quanto a fruição estética ligada a felicidade.

O objetivo principal desta dissertação é apresentar uma análise sobre a produção de moda e design de Jum Nakao, com vistas a investigar o seu papel transformador, socioeducacional e cultural presente nas obras, ensino e pensamento, dentro do contexto da cultura brasileira. O desfile-performance “A Costura do Invisível” será utilizado como objeto privilegiado, propiciando o foco da análise da atuação de Jum Nakao, e também como marco de um ponto de viragem fundamental em seu percurso profissional, com a abertura a novos campos de atuação: design de móveis, curadoria de arte, exposições e projetos educacionais e socioeducativos.

A partir de um levantamento bibliográfico e de uma análise iconográfica o desfile será analisado, e será apresentando um levantamento das questões relacionadas ao processo criativo e seus desdobramentos. Do mesmo modo, a análise dos projetos de design em mobiliário e a arquitetura de interiores será feita a partir das ideias que relacionam a criação de Jum Nakao aos conceitos de bem-estar e felicidade.

A relevância de estudo deste multiartista brasileiro, justifica-se pela grande contribuição na moda por meio de projetos que visam por perspectivas de mudanças paradigmáticas, com caráter múltiplo da obra, contemporâneo e democratizador. De acordo com Nakao, desde o desfile “A Costura do Invisível”, mesmo sem ter produzido uma única peça, ele afirma nunca ter vestido tantas pessoas. A hipótese levantada na pesquisa, confirma que, Jum Nakao ao comunicar e interagir com as pessoas por meio de sua obra, esta torna-se uma função pedagógica, ou seja, transformadora de valores e afetos fundantes.

Em seu projeto “Revolver” (2007) em Curitiba, Nakao relatou:

O rato é uma metáfora, sua imagem está ligada a peste, que se propaga de forma viral, sem controle. É dessa forma que queremos contaminar as pessoas com nossos questionamentos e inquietações. Instigá-las, fazê-las pensar. Expor contradições, destruir convicções.

(NAKAO, 2007)

Portanto, sua contribuição no desenvolvimento da cultura material brasileira, produção de bens, nacionais e de identidade, para o contexto brasileiro e de países emergentes se faz relevante frente aos novos desafios emergenciais.

Quanto à metodologia utilizada, os instrumentos de estudo e análise sobre o trabalho de Nakao, estão baseados em pesquisa bibliográfica, além de instrumental para análise iconográfica.

A motivação sobre a escolha do tema pela autora, deve-se ao fato de sua atuação profissional como professora universitária, assim como a linha de pesquisa da qual foi norteadada toda a orientação, “A função socioeducacional da arte e do design na cultura brasileira”, ministrada pelo Professor Doutor Antonio Takao Kanamaru. O compromisso com a educação da qual está vinculada, possibilita a reflexão e, por conseguinte, a ação quanto a ética e a responsabilidade do professor, no que se refere a questão do egresso e o seu perfil. E qual seria esse perfil? Aquele que atende somente a demanda comercial ou aquele que é capaz de transformar o seu entorno por meio de projetos carregados de sentido? O artista Jum Nakao foi uma inspiração para que as ideias não fiquem somente no âmbito da ideologia. As leituras e fichamentos bibliográficos executados nas disciplinas da EACH e da FAU, foram fundamentais para o direcionamento do trabalho.

2. JUM NAKAO: ORIGENS E VÍNCULOS

Estilista, artista plástico, Designer e diretor de criação, Jum Nakao nasceu em São Paulo, no dia 22 de outubro de 1966. Neto de japoneses, seus avós chegaram ao Brasil entre 1916 e 1920 e trabalharam na lavoura, no interior de São Paulo. Filho de Mituo Nakao e Cecília Setuko Nakao, foi criado no bairro do Jabaquara, zona sul da capital, na companhia de seus dois irmãos, Andréa e Fábio Nakao.

Figura 1 - Jum Nakao

Fonte: <<http://www.jumnakao.com/bio/>>

Na infância frequentou uma escola japonesa, participou de gincanas e praticou atividades esportivas, jogando tênis de mesa e lutando judô durante muitos anos.

Recebeu uma educação que valorizava a cultura tradicional japonesa. Ao mesmo tempo, viu-se sempre integrado à cultura brasileira, e acredita que ambas lhe pertencem e o influenciaram igualmente. No cardápio familiar de sua infância, o sushi, o churrasco e a feijoada conviviam harmonicamente.

Considera que, em seus trabalhos, devem ser consideradas todas estas experiências: suas vivências, sua criação, os lugares por onde andou, as pessoas com quem conviveu, as músicas que escutou, os esportes que praticou, além dos inúmeros livros, comidas e afetos.

“Afetos” é um dos termos recorrentes nas falas de Jum Nakao ao falar sobre seu trabalho. Ele profere esta palavra, que pode tanto significar um sentimento (de carinho, de ternura por algo ou alguém), como o objeto deste sentimento; seu caráter

emotivo; e também um dos três tipos de função mental (junto com a cognição e a volição²), quando é impelido a falar tanto sobre aquilo que o “afeta”, quanto sobre a produção de “afetos” que suas ações irão construir.

Por outro lado, o termo “afeto” irá “desdobrar” outros aspectos que são fundamentais na obra de Jum Nakao; trata-se do conceito de “dobra”, explicitado por Gilles Deleuze (DELEUZE: 1991, pp. 13-30). Deleuze trata das “dobras” em relação à arte barroca. Para ele, o barroco remete mais a uma função operatória, a um traço, do que a uma essência. “Não para de fazer dobras”. O barroco, apesar de não as ter inventado, pega todas as:

dobras vindas do Oriente, dobras gregas, romanas, românicas, góticas, clássicas... Mas ele curva e recurva as dobras, leva-as ao infinito, dobra sobre dobra, dobra conforme dobra. *O traço do barroco é a dobra que vai ao infinito* (DELEUZE, 1991, pp. 13-14).

Desenvolvendo este conceito que ele retoma de Leibniz, Deleuze considera o duplo direcionamento das dobras “segundo dois infinitos, como se o infinito tivesse dois andares: as redobras da matéria e as dobras na alma” (idem, ibidem). Na parte inferior, a matéria, e no alto a alma percorre suas próprias dobras, sem desenvolvê-las inteiramente, já que elas vão até o infinito.

Etimologicamente, o labirinto é múltiplo por ter muitas dobras; ou seja, não é múltiplo porque tem muitas partes, mas por ser dobrado de várias maneiras. O percurso retilíneo não resolve o enigma do infinito, segundo Deleuze:

o segredo da liberdade em uma retidão da alma, ignorando a inclinação da alma tanto quanto a curvatura da matéria. Há necessidade de uma “criptografia” que, ao mesmo tempo, enumere a natureza e decifre a alma, que veja nas redobras da matéria e leia nas dobras da alma (DELEUZE, 1991, p. 14).

Retornando ao termo “afetos” a respeito do trabalho de Jum Nakao, à tudo aquilo que o afeta e a produção de afetos que a sua ação constrói, podemos relacioná-los ao conceito da dobra, considerando as dobras e as desdobras destas experiências no pensamento contemporâneo.

O termo “experienciação” tem múltiplas conotações, sendo algumas delas relacionadas à questão da linguagem e do real, que pode ser considerada segundo três instâncias: semântica, fenomenológica e etimológico-ôntico-poética.

Enquanto as duas primeiras se movem numa sintaxe gramático-conceitual-formal, a última se centra na tensão entre o manifestar e o dizer, o ocultar e o silenciar.

² Dicionário Caldas Aulete digital, in: <<http://www.aulete.com.br/afeto>>. Acesso em: 23 de maio de 2017.

A experiencição, assim como o *télos* e o horizonte, constituem as três instâncias da “travessia poética do ser humano”, como pode ser visto em Heidegger (2008, pp. 146-148).

Toda interpretação e leitura de obras poéticas deve ser exercida como “experiencição”, com o sentido preciso de “manifestar e desabrochar como saber o que cada um é”. A experiencição é o real que acontece como linguagem, sentido, verdade e mundo em quem os experiencia; ela não é objetiva nem subjetiva; não é passível de objetividade, de cálculo ou de uma verdade lógica.

Toda experiencição só ocorre enquanto aprendizagem, e jamais enquanto aprendizado. Se, das experiências, surge um ‘aprendizado’, isto é, um saber baseado em conceitos; por sua vez, das experiencições, surge uma ‘aprendizagem’, algo pessoal e impossível de ser ensinado, por não ser redutível aos conceitos. A aprendizagem é a experiencição das questões. (CASTRO, 2011, p. 215).

Segundo Carlos Zibel Costa (COSTA, 2010), a “dobra”, conceito leibniziano, retomado pelo filósofo francês Gilles Deleuze, pode ser compreendida e traduzida enquanto afeto – no sentido da paixão, do sentimento e da emoção – quando sofre a ação de forças exógenas, elásticas ou compressivas, pois estas são forças “afetivas” no sentido em que afetam; a partir das quais toda novidade pode ser traduzida como uma seleção em dobra do passado.

Desse modo, Jum Nakao pode-se dizer “afetado” pelas influências japonesa e brasileira, dentro do contexto urbano da cidade de São Paulo de sua infância e juventude. Isto faz com que, advindas da produção da própria existência que dobra e se desdobra na materialidade, forme-se a partir daí um rico repertório criativo.

São memórias criadas e recriadas, repertórios estes, que combinados às pesquisas e estudos complementares, irão gerar sentidos e “afetos”. Os vínculos do passado e de sua origem serão revisitados para a prospecção do futuro, com preocupações socioeducacionais e culturais, motivadas pela transformação do ser, ou seja, o engajamento pela melhoria do ser humano, e que por meio dos seus projetos possam afetar as pessoas, no sentido de transformá-las, de provocar o desabrochar do ser.

O filósofo Vilém Flusser, em seus estudos sobre o Design, faz uma comparação entre as diferenças entre o Design ocidental e o oriental, que, a partir de um certo momento da história contemporânea, irão se fundir. Segundo ele:

Enquanto no Ocidente o Design revela um homem que interfere no mundo, no Oriente ele é muito mais o modo como os homens emergem do mundo para experimentá-lo. Se considerarmos a palavra estético em seu significado originário (isto é, no sentido de “experimentável”, de “vivenciável”), podemos afirmar que o Design no Oriente é puramente estético (FLUSSER, 2007, p. 209).

Jum Nakao é um artista contemporâneo cuja obra desconhece fronteiras. Ele transita entre as áreas das Artes, do Design, entre artesãos, artistas e técnicos, e incorpora culturas tão divergentes quanto complementares entre si. De acordo com Nakao, citando o filósofo francês Edgar Morin, quanto à necessidade da interdisciplinaridade dos saberes entre as diversas áreas que lidam com as questões estéticas no cotidiano:

A aproximação entre as áreas de moda e Design, tecnologia e arte é necessária. Como escreveu Edgar Morin, a segmentação e compartimentação dos saberes demonstram-se obsoletas e sem capacidade de respostas para a complexidade que a vivência humana e a sobrevivência do planeta necessitam (KRONKA, 2009, p. 114).

De acordo com Zibel (2010), quando se trata das interações entre o Design, os projetos de Jum Nakao e a arte, é importante estudar as relações intertextuais estabelecidas entre as palavras sujeito, objeto, projeto e subjétil.

O termo subjétil, derivada do latim “*subjectus*” (colocado embaixo), designava, durante o Renascimento italiano, uma superfície que servia como suporte a uma pintura (em tela, parede ou painel). Ela é usada em três textos ilustrados ou desenhos comentados de Antonin Artaud (respectivamente de 1932, 1946 e 1947).

O filósofo francês Jacques Derrida retoma estes e outros textos de Artaud, perseguindo o significado de “subjétil”, já que o próprio Artaud nunca afirmou que o subjétil seria uma coisa, mas referindo-se a ele como “o que é chamado de subjétil”. A perseguição ao subjétil leva o leitor a uma aproximação e ao mesmo tempo, à uma cogestação do objeto perseguido.

Ao cabo deste estudo, Derrida não faz com que o leitor saiba literalmente o que significa o termo subjétil, pois o termo é intraduzível. Esta intraduzibilidade será tratada por Derrida a partir de seus vários níveis, “detonando” a linguagem, isto é, desviando-a de sua função utilitária. Seria o subjétil o que é também chamado de inconsciente? O subjétil é o lugar de uma luta, de um duelo, é um leito de nascimento e de morte.

Derrida descreve as forças condensadas no subjétil, entre as superfícies do sujeito e do objeto, que oferece resistência e o revela. Maltratá-lo, para Derrida, seria

rasgá-lo e costurá-lo ao mesmo tempo, como numa operação cirúrgica: ferir, costurar, cicatrizar, curar. Para outros significados, derivações e aprofundamentos, cfr. Leyla Perrone-Moisés (PERRONE-MOISÉS, 1998).

Estes conceitos contemporâneos (ou reapropriados contemporaneamente) estão presentes nas obras de Nakao, sob a forma como Jacques Deleuze e Jacques Derrida consideram, em suas reflexões, que a produção da Arte, do Design ou da Arquitetura incluem, encerram, contém desde o início tanto o sujeito quanto o objeto, e até mesmo a própria relação sujeito-objeto em si.

2.1 FORMAÇÃO E TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

A opção de Jum Nakao pelo curso técnico em eletrônica e informática na Escola Técnica Estadual Lauro Gomes em São Bernardo do Campo, como formação do então colegial, foi motivada pelas suas experiências de infância. Ele tivera o costume de desmontar aparelhos eletrônicos e brinquedos para remontá-los ou criar novos objetos. Considerou, portanto, a informática, na década de 1980, como uma plataforma promissora para novas experimentações. Sua intenção era graduar-se no ITA - Instituto Tecnológico de Aeronáutica, no curso de Engenharia Eletrônica. Porém, Jum Nakao acabou por abandonar o curso, cujo ensino ele considerava demasiadamente “formatador”, muito voltado para a indústria e distante do olhar humano.

A partir de outras experiências e observações, Jum Nakao descobriu na Moda um campo mais próximo das pessoas, daquele olhar humano que ele buscava. A vestimenta podia ser interpretada como uma interface do indivíduo em relação ao mundo, uma espécie de superfície que permitiria dialogar, aproximar e interferir de modo contundente entre o ser humano e outras instâncias ao seu redor. Assim, Nakao começou a fazer cursos de corte e costura e modelagem. Porém, quando ele tinha 17 anos (isto é, em 1983) ainda não existiam faculdades de moda no Brasil.

A partir de 1984, tendo em vista o processo de profissionalização que ele almejava, começou a fazer diversos cursos no CIT – Coordenação Industrial Têxtil. Tratava-se de uma entidade que reunia empresas associadas do setor de Moda, que ofereciam cursos profissionalizantes de moda aos próprios funcionários. Nakao não tinha um vínculo empregatício com qualquer empresa ligada à indústria têxtil. Sendo assim, ele escreveu uma carta ao presidente da Rhodia solicitando a possibilidade de

um estágio, que lhe foi conferido. Este estágio possibilitou que ele concluísse os cursos oferecidos.

Por intermédio do CIT, ele conseguiu seus primeiros contatos profissionais na área da Moda, incluindo entre estes Marie Rucki, diretora do Studio Berçot, renomada escola de moda em Paris. O contexto da formação em moda no Brasil na década de 1980, era o seguinte, segundo Marília Scalzo:

Foi nesse período que a professora de estilismo Marie Rucki, do Studio Berçot, de Paris, veio ao Brasil a convite da Casa Rhodia, para ministrar workshops que, embora de curta duração, foram fundamentais na formação de muitos estilistas. Na época não havia curso superior para formar profissionais para toda a cadeia produtiva da indústria do vestuário. A Rhodia precisava formar profissionais que usassem seus tecidos e ajudassem a definir o que seria adotado nos anos seguintes. Desde os desfiles e shows na Fenit, a empresa foi responsável por aglutinar talentos e lançar tendências. O primeiro curso de formação superior em moda, da faculdade Santa Marcelina, em São Paulo, só foi criado no fim da década. (SCALZO, 2009, p.19).

Em 1987, em parceria com os estilistas Walter Rodrigues e Conrado Segreto, Nakao integrou o projeto Cooperativa da Moda, onde os criadores podiam apresentar seus trabalhos autorais.

Figura 2 - Jum Nakao em 2012, no projeto "A Hora do Brasil", Fortaleza, CE.

Fonte: <<http://jojoscope.com/2013/04/jum-nakao-a-hora-do-brasil-em-dvd/>>- Acesso: 18 de março de 2017.

Em 1988, começou o curso de licenciatura em Artes Plásticas na Faculdade Armando Alvares Penteado - FAAP. Paralelamente, em 1989 inicia o curso de extensão universitária em História da Vestimenta, oferecido pelo Instituto de Museologia de São Paulo e também o curso de História da Moda no Senac.

Precisamente nesta época, entre o final da década de 1980 e o início da década de 1990 que a identidade da moda no Brasil começou a ser discutida mais profundamente e a ganhar maior visibilidade.

Eram criadas as primeiras faculdades de moda no Brasil e marcas como Zoomp, Forum, Hui Clos surgiam e se consolidavam, entre outras marcas brasileiras de *prêt-à-porter*. As pequenas costureiras começaram a perder espaço e as lojas de tecido foram diminuindo progressivamente de número até o final da década de 1980.

É nessa época que Jum Nakao inicia sua carreira na área de moda, e procura experimentar e vivenciar o trabalho em segmentos diferenciados do mercado de Moda, tais como a alfaiataria e a joalheria, entre outros, que foram fundamentais para estruturar e sedimentar a Moda como um terreno profissional.

Para ele, a técnica, o fazer e o manipular eram tão importantes quanto o desenvolvimento intelectual; ao mesmo tempo, Nakao buscou nas artes plásticas os instrumentos para obter uma visão mais abrangente destes elementos vitais para a criação. Esta formação de caráter holístico foi um dos aspectos que levaram ao reconhecimento de seu trabalho como estilista.

Assim, em 1996 ele foi considerado a grande revelação da 6ª edição da Phitoervas Fashion, evento de moda que foi embrião do que hoje se tornou o São Paulo Fashion Week.

Figura 3 – Jum Nakao e outros designers de moda - Phytoervas Fashion

Fonte: SCALZO, 2009, p. 553.

A São Paulo Fashion Week é o maior evento de moda do Brasil e o mais importante da América Latina. Foi idealizado pelo empresário e promotor de eventos Paulo Borges, e atualmente é organizado pelo Grupo Luminosidade e pela empresa In Brands. Sua realização começou em 1995, e a partir daí conseguiu reunir os mais relevantes estilistas brasileiros. Além de Jum Nakao, Alexandre Herchcovitch e Ronaldo Fraga também fizeram parte daqueles nomes que eram considerados os novos talentos no início da década de 1990.

A trajetória profissional de Jum Nakao não apenas coincidiu com a evolução da moda brasileira, como efetivamente contribuiu para a escrita da história da moda no país. Começou a acumular uma série de experiências variadas no setor, a começar pela frequência dos cursos oferecidos pelo CIT, passando pelos eventos de moda idealizados por Paulo Borges, até a atuação profissional em marcas de *prêt-à-porter*, como a Zoomp.

A partir destas vivências e experiências, vários elementos vão amadurecer em seus trabalhos, trazendo uma consciência crítica que o leva a questionar o sistema da moda. São inquietações que causam ruídos e deixam sua marca em seu trabalho.

Finalmente, em 2004, Nakao apresenta seu último desfile na São Paulo Fashion Week, “A Costura do Invisível”. Este momento pode ser considerado um ponto de virada, cujos desdobramentos irão gerar um percurso de libertação e de

transformação de Nakao, transcendendo os limites da mera criação estilística de Moda e aprofundando as possibilidades de atuação interdisciplinar.

Atualmente, apesar de sua atuação em outras áreas, Nakao considera que seu compromisso com a moda se tornou ainda maior, pois incluiu o âmbito acadêmico, a partir de sua docência tanto em instituições do ensino superior quanto em seu próprio ateliê, onde ele oferece cursos que vão desde a modelagem até o figurino, entre outros; além de ministrar workshops e palestras diversos.

A modelagem, por exemplo, não é ministrada da forma tradicional “plana”, ou seja, não dá subsídios a uma formação básica, mas está relacionada ao conceito de desconstrução. Dá ênfase à tridimensionalidade do corpo, fazendo uma espécie de “decalque” do mesmo. A modelagem plana, segundo Nakao, traz um raciocínio “planificado”, e a desconstrução e a tridimensionalidade estão relacionadas a um pensamento mais criativo, desconstruído dos paradigmas “lineares” da práxis e do pensamento tradicional e “ocidental”.

Também foi convidado para fazer curadoria de exposições de arte, montar instalações, atuações em projetos de cunho educador e social. Em seus cursos e workshops o seu público-alvo preferencial seriam os professores e propagadores de conhecimento, pois segundo sua maneira de pensar, é que não basta ter uma visão “remediadora” do mundo e sim “transformadora”. Todas estas atividades são uma forma de se dedicar a semear e a produzir o saber, tanto para formar quanto para transformar. Este é o foco principal deste trabalho: os aspectos de formação e transformação presentes no trabalho de Jum Nakao.

Por intermédio de sua formação em artes plásticas, Nakao procura fazer uma revolução e demonstrar o caráter interdisciplinar de seu trabalho, da qual a moda, o Design e a arte é por sua própria natureza.

2.2 A COSTURA DO INVISÍVEL

“A Costura do Invisível”, em comemoração aos dez anos de moda da São Paulo Fashion Week, foi considerado o desfile da década. O Museu da Moda de Paris considerou o trabalho de Nakao um dos mais importantes desfiles desde o século 19 até a atualidade.

Aquela seria a última participação de Jum Nakao na São Paulo Fashion Week, no ano de 2004. Nos registros de seu processo de criação, ele documentou seus

questionamentos e sua inquietação quanto a inúmeros aspectos que o preocupavam. A sobrevivência no mercado capitalista de consumo, a capacidade produtiva e comercial, porém conectada à integridade artística e criativa e, sobretudo, a questão da sobrevivência e da identidade, representada pela pergunta mais contundente: “Como existir dentro da minha vocação?” (NAKAO, 2005).

O cerne das preocupações de Nakao está relacionado ao fato de que, por ser esta uma vocação criativa, ele se sentia no dever de descobrir, em suma, qual era a sua essência.

Figura 4 – Desfile “A Costura do Invisível”

Fonte: <<http://www.jumnakao.com/portfolios/a-costura-do-invisivel/>>

Tratavam-se de questões para as quais ainda não haviam sido encontradas respostas. Estas não-respostas criaram uma espécie de “caos”. Diante do caos com que ele se deparava, ele resolveu, assim, apresentar este caos. Optando por uma ação de caráter interdisciplinar, ele se reuniu com sua equipe, decidindo realizar uma coleção que pudesse estar o mais livre possível de quaisquer aspectos comerciais vinculados a ela. O material definido foi o papel, carregado de significações e denso das inúmeras metáforas nele impregnadas. Destruí-lo daria sentido e representação a todos estes questionamentos:

Papel: lugar do esboço, das anotações e parte do processo criativo, matéria frágil, transitória e sensível à ação do tempo. Uma obra branca, inacabada, vazia, apta a ser impregnada de significados, de poesia, da leveza necessária para a obra fluir. (NAKAO, 2005, p.12)

O processo de buscar contar com o patrocínio de várias empresas de papel e celulose deparou-se com inúmeras recusas. A partir daí sua estratégia de captação

de recursos para a materialização do projeto mudou, procurando setores e segmentos mais sensíveis à cultura.

O mercado editorial mostrou-se mais receptivo e assim foi possível partir para o registro do processo criativo, que seria transformado em livro e DVD. As editoras SENAC Nacional e SENAC São Paulo aprovaram o projeto, com a coparticipação da FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado), faculdade na qual Nakao se formou no então curso de Artes Plásticas, e onde, mais tarde, coordenou a direção criativa do Instituto Brasil Arte e Moda. “Era este o caminho: a cultura e a educação como salvação!” (Nakao, 2005).

Ao criar os conceitos e formas do desfile, foram escolhidas referências ao século XIX, que pode ser considerado o século de amadurecimento da moda como fenômeno burguês por excelência, e que apresentou, na maioria de suas décadas, vestimentas extremamente elaboradas quanto às formas, volumes e texturas.

Tais valores estéticos foram considerados fundamentais para a geração de um deslumbramento instantâneo sobre o público. O clima deveria ser (e foi) de contos de fada. O papel vegetal atribuía transparência e leveza às formas. Todas as modelos usaram um *body* preto como base. A maquiagem era inteiramente branca, destacando somente as sobrancelhas e as bocas.

Figura 5 – Processo criativo

Fonte: <<http://www.jumnakao.com/portfolios/a-costura-livro-e-dvd/>>

Um outro importante elemento lúdico acrescentado ao desfile foi a confecção de perucas “Playmobil”, ou seja, inspiradas nos bonecos de plástico extremamente populares na década de 1980. Ao buscar a identificação imediata do público, elas representavam, de forma lúdica, o aspecto crucial da era da reprodutibilidade em série.

Figura 6 - Bonecos Playmobil, desenvolvidos por Hans Beck em 1974.

Fonte: <<http://deubandeira.blogspot.com.br/2014/07/a-historia-do-bonequinho-playmobil-o.html>>

Figura 7 – “Cabeças de Playmobil”, desfile “Costura do Invisível”

Fonte: <<http://www.jumnakao.com/portfolios/a-costura-livro-e-dvd/>>

Em 17 de junho de 2004, o desfile, diante de uma plateia de 1200 pessoas na São Paulo Fashion Week, apresentou quinze looks que foram confeccionados durante mais de 700 horas de trabalho.

Iniciamos o desfile normalmente – dentro dos códigos - até quando as modelos se perfilaram para a última contemplação do espectador. Nesse momento subvertemos todas as ordens, alteramos as luzes, a trilha. Era o sinal para rasgar. Uma abertura para a reflexão sobre novos caminhos possíveis na cartografia do invisível. (NAKAO, 2005, p.17).

Segundo Nakao, o desfile coincidiu com uma época em que ele questionava – e, segundo ele, continua questionando muito; – as referências, o conteúdo da produção “cultural” e os fenômenos em nosso entorno. O fato de as pessoas estarem expostas a um volume absurdo de informações tornou-as incapaz de as “digerirem”, decodificarem-nas e sim, apenas “engoli-las”.

Nakao quis, então, realizar um trabalho que questionasse os conteúdos e os conceitos existentes por detrás da(s) forma(s). Considerava necessário materializar uma obra que, mesmo desconstruída, mesmo rasgada, permanecesse viva na memória das pessoas, como memória (des)materializada.

Tratava-se de um questionamento sobre as relações entre a materialidade e sobre seu real valor. Sua intenção era permitir, com seu trabalho, que as pessoas pudessem ter a percepção de algo que transcendesse a materialidade das peças ali apresentadas. Alguns aspectos da moda, segundo ele, agem no sentido de limitar o “produto” de moda; são os elementos que estão intrinsecamente ligados às “tendências”, criando, conseqüentemente, uma produção em série de desenhos vazios de significado. Por meio da transcendência, ele objetivava tentar estabelecer um diálogo direto entre a obra e o espectador que a contempla (KRONKA, 2009, p.114).

Figura 8 – A Costura do Invisível

Fonte: <<http://www.jumnakao.com/portfolios/a-costura-do-invisivel/>>

A metáfora da destruição, do rasgar, primeiramente sentido como impacto no âmbito pessoal para, posteriormente, criar uma ressonância e uma cumplicidade com o público, teve como principal meta agrupar as pessoas, convertendo a ação performática em uma espécie de sentimento de responsabilidade social.

A questão da dor é exposta de forma poética e generosa, convertendo-se numa ação de engajamento, de sensibilização das pessoas para que elas atuem e ajam por um mundo melhor, em ambos os domínios, estético e ético, da vida social.

Sua própria atitude era pensada como um exemplo. Deixar de participar da São Paulo Fashion Week mostrava suas discordâncias em relação ao sistema da moda vigente, e aos seus processos de produção. Suas ações buscavam ser coerentes com o seu discurso ou, melhor dizendo, elas seriam apresentadas como o próprio discurso.

Figura 9 – A Costura do Invisível

Fonte: <<http://www.jumnakao.com/portfolios/a-costura-do-invisivel/>>

Para Nakao, o mundo da moda e do Design não deve fundamentar seus processos em atos excludentes. Deve-se aspirar à sustentabilidade no seu sentido mais amplo, abrangendo as relações sociais, profissionais e produtivas, propiciando a conscientização social em relação às consequências e aos impactos causados tanto pela “produção de um produto” quanto pela sua própria existência.

Por tudo isso, era preciso ter coragem para desconstruir algo já sedimentado e dado como certo. Jum Nakao resumiu estas atitudes com as seguintes palavras: "ver com outros olhos e ser turista da própria existência" (NAKAO, 2005). É como se mergulhássemos num horizonte em branco, vazio e pronto para ser preenchido com novas possibilidades, assim como a metáfora da Costura do Invisível.

Ao final da performance Costura do Invisível na São Paulo Fashion Week, Jum Nakao concluiu que nada mudou, a não ser ele mesmo. Segundo ele, sua autotransformação teve como consequência a aquisição de mais conhecimentos,

acarretando, paralelamente, o aumento de sua responsabilidade. Depois deste processo ele passou a afirmar sua dúvida quanto à sua capacidade de continuar a trabalhar com a moda ou somente com a moda.

Figura 10 – “repetir, repetir, até ficar diferente” (NAKAO, 2005, p. 63).

Fonte: <<http://www.jumnakao.com/portfolios/a-costura-livro-e-dvd/>>

Após definir e mapear territórios, o percurso de sua transformação ganhou em relação à intensificação e ao aumento da carga de significados, tornando-se, enfim, uma missão: a transformação de outras pessoas por intermédio seu trabalho em diferentes plataformas, mas principalmente como educador.

Pois, segundo Nakao, para mudar o mundo é preciso primeiro mudar as pessoas. E para alcançar as pessoas, é preciso ir à fonte do problema, que consiste na questão da educação.

Esta questão da educação é o que considero ser o maior ponto de ligação entre o meu percurso pessoal, minha orientação profissional, minha formação no bacharelado do curso de Moda e as questões levantadas por Jum Nakao, que busquei analisar neste trabalho. Considero, e vejo em seu trabalho, a colocação de uma possibilidade de atuação no sentido de uma alfabetização estética. “Não adianta fazer poesia para quem não sabe ler”, é uma fala de Jum Nakao, quando ele era questionado sobre o fato de ele não trabalhar “apenas” com moda. Ele não se considerava ter “parado de trabalhar com moda” e sim que sua atuação até se

intensificou na área de moda quando ele começou a ensinar. Ou seja, este é o ponto que considero ser a maior ligação entre seu trabalho e meu interesse em analisá-lo.

Esta “alfabetização estética” defendida por Jum Nakao, traz consigo inúmeras possibilidades de atuação em áreas interdisciplinares, com o alargamento e a ampliação dos conceitos de educação estética para além de sua forma e de sua função. Tais questões podem ser iluminadas a partir de conceitos e problemáticas ligados à ética, à estética e à política, a partir das reflexões propiciadas por filósofos como Deleuze e Guattari, e também com a contribuição de Paulo Freire em relação ao conceito de educação para a transformação.

2.2.1 - INSTALAÇÃO: A FONTE DOS DESEJOS E O CERNE DA QUESTÃO SOCIOEDUCACIONAL

Para a realização do projeto “A Costura do Invisível” em 2004, Nakao teve o apoio da FAAP, faculdade da qual estudou artes plásticas e trabalhou como coordenador e diretor criativo do Instituto Arte Moda. Obteve também o patrocínio das editoras SENAC Nacional e SENAC SP.

O projeto apresentado ao mercado editorial tinha como objetivo reunir todo o material, com o registro de todo o processo criativo, desde a criação das peças até o desfile na São Paulo Fashion Week. Estes registros, por sua vez, resultariam na produção de um livro e de um DVD, missão esta que foi cumprida conforme foi planejado.

Pouco depois do desfile, em julho de 2004, Nakao e sua equipe foram convidados pela galeria de artes Vermelho, localizada no bairro de Higienópolis, em São Paulo, para expor na coletiva “Grátis”, onde ele apresentou a Fonte dos Desejos.

Figura 11 – Fonte do Desejo, 2004 – fonte, urna e papel vegetal

Fonte: <<http://www.galeriavermelho.com.br/pt/exposicao/3878/coletiva-gratis>>

A exposição coletiva “Grátis” tinha como objetivo propiciar uma revisão crítica das relações entre a obra e a mercadoria, provocando uma reflexão entre os vínculos entre a arte e o mercado, com a exposição de trabalhos de arte que questionavam as premissas do mercado cultural. Os 21 participantes da mostra traduziram sua concepção sobre o conceito de fetichização da cultura e do valor. Para discutir os vínculos entre o mercado e a arte foi criado um paralelo entre uma galeria comercial e um shopping center, questionando o fato de que ambos recebem tratamentos estratégicos de exibição. As estratégias de mercado formatam os mecanismos da cultura de exibição e de agrupamento das obras, trazendo a questão, no ápice do capitalismo globalizado, de como diferenciar preço de valor. A exposição apresentou como objetivo repensar os valores da vida cultural e social, indagando sobre a possibilidade de produção de cultura numa época regida pela ofuscação da mídia capitalista (RODRIGUES, 2004).

Para discutir as relações entre a arte e o mercado, Nakao apresentou uma instalação, que representava uma fonte neoclássica revestida de tinta plástica branca. Este era o objeto central, na entrada da Galleria; ao lado da fonte, estava posicionada uma urna acrílica transparente com o regulamento de participação em uma promoção,

referência alusiva ao mercado de consumo, aos sorteios e às promoções tão comuns em lojas e supermercados. Nela constavam as instruções seguintes:

Seu desejo por uma moeda:

- 0 – Levante o tampo e retire uma tira de papel.
- 1 – Escreva seu desejo com a caneta bico de pena.
- 2 – Mentalize com fé e coloque-o na urna.
- 3 – Lance uma moeda para cada desejo.
- 4 – Em até 90 dias seu desejo será materializado. (NAKAO, 2005, p. 18).

Figura 12– Fonte do Desejo, livro: “A Costura do Invisível”

Fonte: NAKAO: 2009, pp. 186-187

O videoartista Oswaldo Sant’Anna foi depois convidado para realizar uma videoinstalação, pois neste intervalo aconteceu uma grata surpresa. A fonte havia desmoronado durante a madrugada. O caráter não-intencional deste evento, ao contrário do desfile, onde a destruição, o rasgar era algo premeditado, foi prontamente incorporado à obra, trazendo mais uma carga de significados (inesperados) à instalação.

Figura 13 – Fonte do Desejo quebrada

Fonte: NAKAO: 2009, pp. 188-189

O trabalho de Nakao, desde “A Costura do Invisível”, dedica-se a examinar as questões relacionadas à interação do público com a obra, referindo-se à questão da memória e também da impermanência, e sobre os seus registros.

Tais questões são frequentemente discutidas como referências da arte contemporânea. O filósofo francês Nicolas Bourriaud em sua obra “Estética Relacional”, aborda justamente os temas do público como participante ativo da obra, os eventos de curta duração e a questão do registro em fotos e vídeos da obra do artista. Segundo Bourriaud, quanto às

relações entre indivíduos ou grupos, entre o artista e o mundo, Pierre Bourdieu considera o mundo da arte como um “espaço de relações objetivas entre posições”, isto é, um microcosmo definido por relações objetivas entre posições de força e os embates com que os produtores tentam conservá-lo ou transformá-lo. O mundo da arte, como qualquer outro campo social, é relacional por essência na medida em que apresenta um sistema de posições diferenciais que permite sua leitura. (BOURRIAUD, 2009, p. 37).

Na instalação da fonte de Nakao, afirmava-se de forma bastante contundente que em até 90 dias o desejo seria materializado; uma alusão ao prazo de entrega do livro e DVD contendo os registros do processo criativo da obra apresentada.

Os desejos depositados na urna pelo público tornaram-se parte do projeto gráfico do livro “A Costura do Invisível”, constando principalmente da capa e contracapa do mesmo. Ou seja, é como se o livro e o DVD, publicados em 2005, fossem a materialização dos desejos, escritos nas filipetas que constavam na capa e na contracapa, em um fundo translúcido, de uma transparência quase que imaterial, contendo os desejos coletivos de felicidade.

Desejos que, para Nakao, se materializaram em forma de arte e design em nome de um mundo melhor, utilizando-se destes suportes, ou subjéteis, como intermediação para clamar por este mundo, na missão auto imbuída de transformar pessoas para que estas, por sua vez, transformem o mundo.

Figura 14 – capa do livro: A Costura do Invisível – ao fundo em marca d’água as filipetas com os desejos dos espectadores que interagiram com a instalação “A Fonte do Desejo”.

Fonte: <<http://www.jumnakao.com/portfolios/a-costura-livro-e-dvd/>>

Para Nakao, trata-se de uma nova jornada, fundamentada em novos propósitos, questionamentos e intenções, que vão muito além de seu trabalho com a moda. São novos instrumentos, novos suportes, novos subjéteis que irão demonstrar suas ideias, sua essência, sua visão de mundo, propiciando a geração de sentidos e afetos, por sua vez, fundantes.

A análise da obra de Nakao traz uma outra questão: ela pode ser considerada como um instrumento para a contextualização do desejo de felicidade, que é comum à maioria das pessoas. A busca da felicidade está relacionada a vários âmbitos, aspectos e elementos da vida humana. Seja em relação a saúde, à harmonia ou à prosperidade, estar no mundo para buscar a felicidade é uma meta, ou um desejo, compartilhado pela maioria das pessoas, se não por todo o gênero humano.

Nakao desejava ter como público-alvo o que ele denominava *pessoas-ementes*, as quais, afetadas por suas ações, que visam atingir principalmente educadores, estilistas e designers, capazes, por sua vez, de propagar e discutir seus ideais, com a finalidade de chegar a uma espécie de “apoteose” comunicada pelos projetos impregnados com os sentidos conceituais de humanização.

Uma educação humanizadora, segundo Paulo Freire, que pressupõe a sua multiplicação, visa à libertação, à transformação radical da realidade, para melhorá-la, para torná-la mais humana, para permitir que homens e mulheres sejam reconhecidos como sujeitos de sua história e não como objetos. “Assumimo-nos como sujeitos e objetos da História nos torna seres da decisão, da ruptura. Seres éticos” (FREIRE, 2001).

Para Paulo Freire, a formação ética -, que também é estética -, acontece na educação e mais precisamente na sala de aula, quando a sociedade, a escola, o educador e educando lutam por uma educação transformadora, dialógica e conscientizadora.

Sob a perspectiva de Freire, educandos e educadores engajam-se numa dimensão crítica e criativa, de esperança e “boniteza”, o processo da construção de conhecimento, onde todos ensinam e todos aprendem. Trata-se de um processo criador e recriador, tal como na obra de Jum Nakao, ligado às próprias experiências existenciais e origens culturais. Tanto o educador quanto seus educandos percebem suas realidades criticamente e criam o conhecimento dentro e por intermédio do diálogo (FREIRE, 2002).

O aprendizado, segundo Nakao, e a disseminação do conhecimento, com o auxílio das *pessoas-sementes*, considera a arte como uma espécie de “epidemia”, no qual o aprender envolve as dimensões do aprender, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, que são considerados, justamente, os quatro pilares da educação para o século XXI (RODRIGUES, s/d).

Podemos identificar, nos projetos criados e apresentados por Jum Nakao, esta característica fundamental da interdisciplinaridade como uma forma de mapear nos percursos para a educação e o aperfeiçoamento humanos.

3. ALÉM DAS FRONTEIRAS DA MODA: DOBRAS E DESDOBRAS

Neste capítulo iremos examinar as contribuições do designer de moda Jum Nakao em relação à abertura de seu trabalho a outras áreas que vão além das fronteiras da Moda, e ao mesmo tempo, expandindo os sentidos para a criação de um novo paradigma de estilo de vida.

Em 2007, a Prefeitura do Município de São Paulo reuniu um grupo de profissionais de destaque em diversos campos do Design paulistano, para a realização de um seminário chamado “Design *Made in* São Paulo”. Deste seminário, derivou, em 2008, a formação de um grupo de trabalho voluntário, que estabeleceu como objetivo a discussão de questões contemporâneas relacionadas ao Design como prática e como campo do conhecimento.

O grupo incluiu e envolveu diversas associações, tais como as Associações de Designers de Produtos, de Interiores e Gráficos, o Centro São Paulo Design, além de representantes de algumas instituições de ensino relevantes. Também contou com a participação de vários membros de diversas diretorias de empresas e profissionais de expressiva relevância, além da equipe da Secretaria Municipal de Relações Internacionais. Jum Nakao participou do debate, sob a curadoria de Alexander Lipzyc e Andréa Naccache. Nele, apresentou suas reflexões voltadas à problemática da sustentabilidade:

Nossa ética para os objetos mudou: se no século XX valia a intenção, no século XXI valem as consequências. Não há criação sem realização. Não há realização sem conexão entre as pessoas. Design é relação. Design é um laço (NACCACHE, 2009, p.3).

O tema do debate era “Design de Encontro”. Nakao discorreu sobre a importância do Design neste século, marcando as diferenças com o século anterior. Para ele, o mais importante não é a valorização do produto acabado, pronto, materialmente construído, e sim a valorização de sua lógica, de sua essência.

“Há até um cessar de consumo, há uma economia (e sustentabilidade), quando se nota a essência do Design. A ênfase passa da compra para a escolha” (NAKAO, 2008). Ele apresenta, como exemplo, alguém que sente uma verdadeira paixão pelo carro; esta paixão, com certeza, irá incorporar a paixão pela engenhosidade, pelo talento ou até pela “genialidade” de seu criador. Mesmo que hoje se considere, como valor agregado, a assinatura do artista, e que o produto seja considerado um objeto de luxo, ainda assim ele consegue se comunicar com as pessoas.

Nesta mesma direção, segundo Andréa Naccache:

hoje, as pessoas conhecem os seus trabalhos, ou podem conhecer. Elas têm acesso às imagens, ao conceito, às notícias e, ocasionalmente, ao produto. Conseguem se deixar sensibilizar com a criação deles, pensam a respeito e se tornam capazes de discutir a criação. Seus produtos, muitas vezes, não deixam de ser de luxo para a compra, mas há grande difusão e aproveitamento público da linguagem criativa oferecida (NACCACHE, 2013).

3.1 NOÇÃO DE FELICIDADE NA OBRA DE JUM NAKAO

Aristóteles foi o filósofo grego que mais se ocupou com a questão da felicidade (“eudaimonía”, traduzido como felicidade, significava, basicamente, em grego ter um bom (eû) “daímon”, ter sorte, prosperidade), em várias obras, mas principalmente na *Ética a Nicômaco*. Logo no início da obra, Aristóteles relaciona intimamente a felicidade ao bem:

Toda arte e toda indagação e todo propósito, visam a algum bem; por isto foi dito acertadamente que o bem é aquilo que todas as pessoas visam” (ARISTÓTELES: 1996).

Segundo Aristóteles, em sua “*Ética a Nicômaco*”, a sabedoria, isto é, a aquisição de um corpo de conhecimento, não é suficiente para tornar as pessoas em seres virtuosos e bons, mas fornecem os instrumentos necessários para decidir o que se quer ser – se virtuosas ou viciosas, ou seja, a sabedoria (o conhecimento) concede o poder do discernimento, daquilo que se lhe é ofertado.

Para Aristóteles, a razão é indispensável para a formação de virtudes. Estas, ao serem praticadas e estimuladas, implicam na aquisição de uma sabedoria prática. E, quanto mais esses conceitos são exercidos, na prática, mais virtuosas as pessoas se tornam, conquistando o poder do discernimento, a autonomia para fazer as escolhas que irão constituir sua identidade como um ser no mundo.

Aristóteles desenvolve seus conceitos de pólis (cidade grega) e cidadão na “*Política*”. Segundo ele, a cidade (pólis) é a comunidade última, a que tem por finalidade o bem soberano, assim é somente nela que o homem pode alcançar a vida perfeita e a felicidade. Já o cidadão para Aristóteles é aquele que possui o direito de administrar a justiça e exercer as funções públicas, participar da função judicial ou da deliberativa, ou seja, de exercer a política (TORRES, 2005).

O filósofo Felix Guattari adiciona a estas reflexões aristotélicas uma outra questão. Ele inclui, em relação à questão da ética e da busca da felicidade, o conjunto

do estudo sobre aquelas que ele considera as três ecologias, ou seja, da “ecosofia”. A ecosofia, é assim, entendida como a articulação de diversos campos: trata das questões relacionadas ao meio ambiente, às relações sociais e à subjetividade humana.

O enlace da ecologia ambiental, da ecologia científica, da ecologia econômica, da ecologia urbana e das ecologias social e mental, não para englobar todas essas abordagens ecológicas heterogêneas em uma mesma ideologia totalizante ou totalitária, senão para assinalar o contrário, a perspectiva de uma escolha ético-política da diversidade, do dissenso criador, da responsabilidade a respeito da diferença e da alteridade (Guattari, 2015, p. 31).

Ou seja, trata-se da própria produção da existência, essencialmente ligada a novos paradigmas de vida, que suscita a mudanças no estilo de vida. É neste aspecto que as ações de Jum Nakao parecem alinhadas às questões apresentadas por Félix Guattari:

Uma mesma perspectiva ético-política atravessa as questões do racismo, do falocentrismo, dos desastres ligados por um urbanismo que se queira moderno, de uma criação artística libertada do sistema de mercado, de uma pedagogia capaz de inventar seus mediadores sociais etc. Tal problemática, no fim das contas, é a da produção de existência humana em novos contextos históricos. A ecosofia social consistirá, portanto, em desenvolver práticas específicas que tendem a modificar e a reinventar maneiras de ser no seio do casal, de família, do contexto urbano, do trabalho, etc. (GUATTARI, 1990, p.15).

O ambiente atual, frequentemente conceituado como globalizado, além do caráter premente da prática de atitudes sustentáveis, ocasionam a necessidade de que os profissionais pensem e desenvolvam experiências de formas rizomáticas para as soluções relacionadas aos problemas ligados à vida prática humana.

Considerando que, segundo Hegel, toda experiência pode ser compreendida como um movimento rizomático, este conceito foi expandido quando Deleuze e Guattari apresentaram uma série de novos conceitos ligados à lógica da Multiplicidade (ou da Diferença) e ao pensamento rizomático. A experiência rizomática pressupõe tanto a multiplicidade quanto a heterogeneidade das conexões, com ocorrências imprevisíveis, contínuas transformações e descontinuidades. E, finalmente, pressupõe a coexistência entre os processos de subjetivação individual e/ou coletiva, entre a Macropolítica e a Micropolítica. (MAGNAVITA, 2012).

Ora, uma vez que os impactos das obras das áreas da Moda, do Design e da Arquitetura são direcionadas ao ser humano, este representa o principal agente de

mudança e transformação neste então contexto globalizado que abrange os aspectos da “ecosofia” de Felix Guattari.

Jum Nakao procura desenvolver suas obras em outras áreas, instâncias e segmentos, tais como o mobiliário e a arquitetura de interiores. Tudo isto estaria integrado à sua visão de necessidade de criação de uma “forma de viver” (mais do que uma forma de apenas ver, isto é, basicamente estética), confluindo com as ideias sobre a importância da cultura visual na educação atual:

a cultura é a forma de viver e a cultura visual dá forma ao nosso mundo, ao mesmo tempo em que é nossa forma de olhar o mundo (SARDELICH, 2006).

Assim, Jum Nakao associa novos sentidos ao conceito de “forma de viver”, colocando-o no centro de seus questionamentos e discussões, e abrindo espaço para que ele desenvolva seus questionamentos em forma de obras em outros segmentos, tais como o mobiliário e o Design de interiores.

Quando criamos servimos a matéria. Lapidamos e polimos para que a matéria apresente o seu máximo valor. Em nossa entrega descobrimos que servimos por servir. Ao conferir visibilidade ao que era invisível, manifestamos a significância da vida humana. Generosidade para compartilhar princípios, valores, sonhos, entendimento, ensinamentos e transformações através da entrega pessoal e da criação para o outro. Criar não é fácil nem difícil, é o desígnio natural de todos (ANDREASSA, 2017).

Segundo suas próprias palavras, seguiu novas direções norteando-se pela essência, focalizando a questão do aprendizado relacional, das relações entre “homem versus obra”, e buscando preservar suas raízes. Segundo ele, com o passar dos anos, sua curiosidade e seus objetivos continuaram a ser praticamente os mesmos de sua infância e adolescência, quando desmontava e remontava aparelhos eletrônicos e brinquedos

na sede de compreender os mecanismos ocultos atrás dos movimentos, da imagem, do som, da mágica! Queria compreender como as coisas ganhavam vida. Sempre com muito cuidado e respeito por aqueles frágeis mecanismos que se abriam para revelar seus segredos. Era também muito importante fazê-los funcionar novamente. Passaram-se os anos e eu continuava a desconstruir o mundo (ANDREASSA, 2017).

Para transcender o valor comercial, a obra precisa deixar de ser apenas um objeto de consumo. Criar, para Jum Nakao, é uma experiência integradora de vários campos, vivências, experimentos, conexões e vínculos:

criar exige clareza de princípios, valores éticos e morais, sabedoria para sonhar, entendimento para realizar, humildade para construir, generosidade para compartilhar (ANDREASSA, 2017).

É uma visão ética, não linear da criação. O objetivo de criar, tanto uma roupa quanto um móvel, não é apenas acumular um objeto e inseri-lo numa trajetória retilínea, e sim, apresentá-lo de acordo com uma precisa linha de chegada, onde “o fim não justifica os meios”.

Sem princípios não temos fim, podemos acabar em qualquer lugar ou chegar a lugar nenhum. Onde tudo serve, qualquer destino é lugar. Sem princípios, mesmo chegando, sentimos que não alcançamos. Valores éticos e morais são a base da dignidade. O fim não justifica os meios. De nada adianta alcançar com o vazio do merecimento (ANDREASSA, 2017).

Sob esta perspectiva, criar não é apenas criar um objeto, é dar corporalidade aos sonhos, é obter uma recompensa, não ao final, mas também durante o percurso, o processo:

O valor da recompensa é a lisura da conquista. Sabedoria para decidir quais sonhos sonhar. O princípio é apenas um norte. (...). Para construir um sólido caminho, precisamos de sabedoria para não cair. Sonhos são a pavimentação desta nossa jornada. (...) A ferramenta em si não é nada. Ela apenas significa o poder de construir ou destruir (ANDREASSA, 2017).

As ideias de Nakao não deixam de confluir com uma nova percepção do Design, que deixa de ser visto apenas como

atividade que contempla, com seus esforços, apenas o desenho industrial, no contexto de um ambiente puramente comercial que visa à melhoria estética e a qualidade técnica do produto, tendo como foco principal o aumento das vendas e a geração de lucros para seus fabricantes (MENEZES; MICHALIDIS; DRUMMOND, 2017).

Cada vez mais, o Design também passa pelas mesmas aberturas de fronteiras que outras áreas da criação e da estética. Hoje, o Design é considerado, na definição adotada pelo ICSID – *International Council of Societies of Industrial Design*:

uma atividade criativa cujo objetivo é estabelecer as características multifacetadas de objetos, processos, serviços e seus sistemas em ciclos de vida completas. Portanto, o design é fator central da humanização inovadora das tecnologias e fator crucial do intercâmbio cultural e econômico (ICSID, 2012 in MENEZES; MICHALIDIS; DRUMMOND, 2017).

Em outras palavras:

o design rapidamente deixa de conceber apenas produtos de uso doméstico e passa a incluir processos, sistemas e organizações. (Neumier, 2010 in MENEZES; MICHALIDIS; DRUMMOND, 2017).

As vocações sistêmicas, holísticas, sociais, criadoras, estéticas, todas compreendidas no interior de um mesmo percurso de entendimento do valor ético e

da finalidade humana e social da criação estética, independente do âmbito ou segmento em que ela se manifeste, seja na Moda, seja no Design, faz com que Nakao alie seus questionamentos e seus valores à sua busca de um caminho de transformação humana que coincide com as próprias transformações nas áreas em que ele passa a atuar.

3.2 ÉTICA E FELICIDADE

Nas sociedades contemporâneas, no mundo globalizado, o conceito de felicidade está intimamente ligado ao consumo e à satisfação das necessidades; um reducionismo impulsionado pela lógica e pelas ideologias propagadas pelo capitalismo. Não obstante a falta de consenso sobre o que significa realmente “felicidade”, este foi um dos temas mais debatidos durante toda a história da cultura ocidental.

Para Marx e Engels, em *A Ideologia Alemã*, elaborada em 1846, mas publicada pela primeira vez apenas em 1933, a satisfação das necessidades representa o principal pressuposto de toda a existência humana e de toda a história, pois “os homens devem estar em condições de viver para poder fazer história” (MARX & ENGELS, 1999, p.33).

Sendo assim, para Marx e Engels a satisfação das necessidades representa o primeiro “fato histórico”. Depois de satisfeitas, as necessidades originam novas necessidades, as quais, para os autores, representam o primeiro ato histórico [OLIVEIRA & OLIVEIRA, 2012]. Portanto, segundo Marx e Engels:

[...] devemos lembrar a existência de um primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto, de toda a história, a saber, que os homens devem estar em condições de poder viver a fim de “fazer história”. Mas, para viver, é necessário antes de mais beber, comer, ter um teto onde se abrigar, vestir-se, etc. O primeiro fato histórico é, pois, a produção dos meios que permitem satisfazer as necessidades, a produção da própria vida material; trata-se de um fato histórico, de uma condição fundamental de toda a história, que é necessário, tanto hoje como há milhares de anos, executar dia a dia, hora a hora, a fim de manter os homens vivos. [...]

O segundo ponto a considerar é que uma vez satisfeita a primeira necessidade, a ação de a satisfazer e o instrumento utilizado para tal conduzem a novas necessidades e essa produção de novas necessidades constitui o primeiro fato histórico. [...]

O terceiro aspecto que intervém diretamente no desenvolvimento histórico é o fato de os homens, que em cada dia renovam a sua

própria vida, criarem outros homens, reproduzirem-se: é a relação entre o homem e a mulher, os pais e os filhos, a família (MARX & ENGELS, 1999, pp. 33-34).

Trata-se, portanto, de um paradoxo, um estado inatingível, alcançar a felicidade, se ela realmente estiver relacionada à satisfação das necessidades, pois, segundo Marx e Engels, quando uma necessidade é saciada, outras a substituem, fazendo com que a sensação de satisfação seja efêmera, fugaz. Ou seja, o atendimento de uma necessidade pode causar uma sensação de bem-estar (passageiro), mas não pode ser considerada a “felicidade” [OLIVEIRA & OLIVEIRA, 2012].

Este paradoxo é um dos pontos centrais da discussão do conceito de felicidade, desde o nascimento da filosofia, na Grécia clássica. A filosofia já considerava, desde Aristóteles (384-322 a.C.), problemática ou falaciosa a ideia de felicidade como algo derivado da satisfação das necessidades humanas, distinguindo-a do prazer, ou, se situarmos esta problemática na era contemporânea, à fruição do consumo.

Segundo Aristóteles, na “Ética a Nicômaco”, a relação entre felicidade e prazer é um equívoco:

[...] os homens [...], em sua maioria e os mais vulgares entre eles, parecem (não sem um certo fundamento) identificar o bem ou a felicidade com o prazer, e por isso amam a vida agradável. [...]. Um exame dos tipos principais de vida mostra que as pessoas de maior refinamento e de índole mais elevada identificam a felicidade com a honra, pois a honra é, pode-se dizer, o objetivo da vida política. Todavia, isso parece ser demasiadamente superficial para ser o que buscamos, visto que a honra depende mais de quem a concede que de quem a recebe, ao passo que nos parece que o bem é algo próprio de um homem e que dificilmente lhe poderia ser tirado. (ARISTÓTELES, 2001, p. 17).

Para Aristóteles a felicidade não é uma sensação de bem-estar passageira ou superficial, nem mesmo quando ela é algo relacionado a um objetivo mais elevado, cuja finalidade é política, ou seja, a honra. A felicidade seria um valor absoluto e autossuficiente. Para Aristóteles, o homem feliz “vive e age bem, visto que definimos a felicidade como uma espécie de boa vida e boa ação” (ARISTÓTELES, 2001, p.25).

Mas se a felicidade estaria relacionada à autossuficiência, como esta Aristóteles a define, por sua vez?

Definimos a autossuficiência como aquilo que, em si mesmo, torna a vida desejável por não ser carente de nada. E é desse modo que entendemos a felicidade; além disso, a consideramos a mais desejável de todas as coisas, e não como um bem entre outros, pois, em caso

contrário, é evidente que ela se tornaria mais desejável mediante a adição até do menor bem que fosse, uma vez que desta adição resultaria um bem maior, e quando se trata de bens, é sempre mais desejável o maior. Assim, a felicidade é algo absoluto e autossuficiente, e a finalidade da ação. (ARISTÓTELES, 2001, p. 22).

É fundamental, portanto, para Aristóteles, compreender que a busca da felicidade deve ter como fundamento a virtude. O que constitui a felicidade são as ações ou atividades virtuosas, sendo que os vícios nos conduzem à direção oposta. Porém, ele compreende que os bens exteriores contribuem para a felicidade (OLIVEIRA & OLIVEIRA, 2012).

Porém, [...] a felicidade necessita igualmente dos bens exteriores, pois é impossível, ou pelo menos não é fácil, praticar ações nobres sem os devidos meios. [...] pois, o homem feliz parece necessitar também desse tipo de prosperidade, e é por isso que algumas pessoas identificam a felicidade com a boa fortuna, embora outros a identifiquem com a virtude. (ARISTÓTELES, 2001, p. 26).

Concluindo, para Aristóteles o homem deve procurar a virtude, seja por meio da aprendizagem ou do hábito, para que possa encontrar a felicidade. Pois, para ele, a felicidade está “relacionada à atividade da alma conforme a virtude, aliada aos meios necessários para facilitar esta perspectiva (que não devem ser tomados como principal finalidade)” (OLIVEIRA & OLIVEIRA, 2012).

De qualquer modo, é impossível desvencilhar a questão da busca da felicidade da visão aristotélica da Ética como uma filosofia prática, cujo método, conteúdo e técnica podem ser empregados para torná-la uma ciência:

A ética é uma ciência prática ou uma ciência da práxis humana, isto é, um saber que tem por objeto a ação. (...) o homem age tendo em vista um fim ou uma finalidade e, portanto, ao agir, atualiza potências para realizar plenamente sua forma (CHAUÍ, 2002 p. 440).

Esta finalidade estaria presente em todas as atividades humanas cujo alvo seria a busca do “bem”, que está relacionado, na ética, à vida compartilhada pelos cidadãos na *pólis*.

Aristóteles desenvolve seus conceitos de cidade e de cidadão em sua obra “Política”, definindo a cidade (*pólis*) como a comunidade última, que tem por finalidade o bem soberano, assim é somente nela que o homem pode alcançar a vida perfeita e a felicidade. Por sua vez, o cidadão, para Aristóteles é aquele que possui o direito de administrar a justiça e exercer as funções públicas, participar da função judicial ou da deliberativa, ou seja, de exercer a política (TORRES, 2005).

A política também é vista como uma ciência prática não dissociada da ética. O que a diferencia é que a política apresenta uma dimensão social, coletiva, enquanto a ética se restringe ao particular e ao individual. Estas duas dimensões, entretanto, são inseparáveis no ponto de vista de Jum Nakao, em relação às suas criações, e são, também, inseparáveis da dimensão estética.

criar exige clareza de princípios, valores éticos e morais, sabedoria para sonhar, entendimento para realizar, humildade para construir, generosidade para compartilhar (NAKAO, 2017, *citado supra*).

Qual seria a relação entre a ética e a felicidade? Para Aristóteles, por ser uma ciência prática, a ética deve guiar as ações para o fim a ser alcançando, contribuindo para a sua concretização plena, isto é, para que a felicidade seja alcançada.

Para Aristóteles, a ética é teleológica, isto é, visa produzir um bem e chegar a um objetivo:

Toda arte e toda investigação, bem como toda ação e toda escolha, visam a um bem qualquer, e por isso foi dito, não sem razão, que o bem é aquilo a que as coisas tendem. Mas entre os fins observa-se uma certa diversidade: alguns são atividades, outros são produtos distintos das atividades das quais resultam; e onde há fins distintos das ações, tais fins são, por natureza, mais excelentes do que as últimas (ARISTÓTELES, Livro I, 1, 1094a, 2010).

A felicidade, considerada como o fim último da atividade humana é um conceito incorporado e criticado pelo filósofo e teólogo que conseguiu incorporar o pensamento aristotélico, a partir de uma nova ótica, ao *corpus* de conhecimentos cristãos, a partir da Idade Média: São Tomás de Aquino (1225-1274).

Mesmo não tendo escrito especificamente sobre a questão da felicidade, São Tomás de Aquino trata dela em toda a sua obra, seja considerada sob a perspectiva conceitual, ou existencial. Em sua obra fundamental, a “Suma Teológica”, São Tomás de Aquino é influenciado, em relação à problemática da felicidade, tanto por Aristóteles como por Santo Agostinho (354-430) e por Severino Boécio (ca. 480-524 ou 525).

São Tomás afirma que o homem não vive por acaso, mas que a vida humana tem um fim, que é a felicidade. Embora, para ele, a felicidade consista na vida em Deus, o homem precisa conhecer os meios adequados para alcançá-la e possuí-la. O homem tem o livre arbítrio, que lhe permite gozar da liberdade, mesmo que a vida humana tenha um fim último.

O papel fundamental da alma é servir como guia do homem. Para São Tomás, a felicidade é um movimento de retorno a Deus, e neste movimento de retorno (feito por todas as criaturas), a inteligência e a vontade desempenham um papel fundamental. Deus orientaria o homem, tendo como instrumento a inclinação humana à sua própria realização,

por intermédio de um desejo de bem-aventurança em que o homem não pode não querer sua felicidade, pois o ordenamento é coextensivo à sua própria natureza. (OLIVEIRA & COSTA, 2011, pp. 67-68).

Antes de chegar a estas conclusões, São Tomás analisa outras concepções de felicidade, como aquela que relaciona a felicidade com a posse das riquezas, a conquista da fama, do poder ou dos bens do corpo. Tais meios, segundo ele, só conduzem a uma falsa noção de felicidade.

Por exemplo, é impossível que a felicidade consista nas riquezas, pois ela não tem consistência existencial em si mesma. Assim como Aristóteles, São Tomás de Aquino distingue dois tipos de riquezas:

As riquezas naturais são aquelas pelas quais o homem é ajudado a compensar as deficiências naturais como, a comida, a bebida, as vestes, os veículos, a habitação etc. As riquezas artificiais são aquelas que por si mesmas não auxiliam a natureza, como o dinheiro, mas a arte humana as inventou para facilitar as trocas, para que fossem como medida para as coisas veniais (AQUINO, 2003, p. 47).

Nenhuma delas é reconhecida como uma fonte de felicidade, pois, como a riqueza não tem um fim em si mesma, quem busca a riqueza, busca-a visando a aquisição de outras coisas, isto é, bens materiais. Por este motivo as riquezas não podem ser identificadas com a felicidade, que tem seu valor em si mesma (OLIVEIRA & COSTA, 2011, p. 69).

3.3 O BELO EM SÃO TOMÁS DE AQUINO

“Ad pulchritudinem tria requiruntur integritas, consonantia, claritas...”

São Tomás de Aquino

Buscaremos apresentar, neste capítulo, os desdobramentos das obras de Jum Nakao fora dos limites estritos da criação de Moda, ampliando sua criação a outras plataformas de trabalhos e outros projetos, e tentando relacioná-los à compreensão da questão estética como intimamente vinculada à questão da felicidade humana.

A vinculação entre estética, ética e felicidade, como discutida em 3.1, não é algo novo na tradição filosófica ocidental. Embora a estética só tenha sido definida como “ciência do conhecimento sensível” em meados do século XVIII, por Alexander Gotlieb Baumgarten (1714-1758), sendo empregada, atualmente, no sentido mais amplo de “filosofia do belo e da arte”, este é o significado adotado por vários intérpretes de São Tomás de Aquino para analisar o conceito de belo em suas obras (IVANOV, 2006, p. 6).

São Tomás de Aquino, ao definir a noção de belo, tomou emprestado elementos de Aristóteles, Cícero, Santo Agostinho, Dioniso Aeropagita e S. Alberto Magno. Além do mais, ele nunca foi além de alguns fragmentos pouco desenvolvidos a respeito do tema (IVANOV, 2006, p. 9). Mesmo assim, as noções do belo que aparecem em seus textos, embora bastante exíguas, têm implicações importantes em sua filosofia, em temas que vão além da mera questão estética.

Por exemplo, ao comparar as noções de digno (*honestum*) e a beleza sensível, Aquino volta à ética, abordando o problema do bem moral e das virtudes (*idem, ibidem*).

A questão da apreensão do belo por intermédio dos sentidos humanos nos leva à questão da primazia da visão sobre as demais sensações, uma ideia grega que Aristóteles desenvolveu em suas elaborações sobre a estética e que Tomás de Aquino absorveu.

A firme convicção da superioridade da vista a respeito de todos os outros sentidos é uma outra característica emblemática da espiritualidade dos gregos, já tratada em primeiro plano por Platão (REALE, G. in: IVANOV, 2006, p. 12, tradução pessoal).

Seguindo esta concepção, ele considera a vista como “o sentido externo mais cognoscitivo e imaterial”. Sendo assim, ao definir o belo, ele irá falar, sobretudo, da beleza visual, e é neste contexto que se situam os debates em torno da teoria do belo apresentadas por ele, e desenvolvidas e criticadas pelos seus estudiosos.

Jacques Maritain³ diferenciou duas definições do belo em São Tomás: uma “definição pelo efeito” e uma “definição essencial”.

No livro I da “Suma Teológica” há aquela que Maritain considera a definição pelo efeito: “*pulchra enim dicuntur quae visa placent*”- “chamar-se ia belo tudo aquilo

³ Jacques Maritain (1882-1973) foi um filósofo francês católico, considerado um dos pilares da renovação do pensamento *tomista* (filosofia escolástica de São Tomás de Aquino caracterizada pela tentativa de conciliar o aristotelismo com o cristianismo) do século XX (IVANOV, 2006).

que agrada ao ser observado”. Esta definição pelo efeito expressa uma visão ou conhecimento intuitivo e um prazer. O belo é o que causa prazer ao ser visto, isto é, no ato do conhecimento, em consequência da coisa conhecida, algo bom de se apreender (IVANOV, 2006, p. 13).

A outra definição vai explicitar os elementos do belo, e, portanto, é uma definição essencial do que é belo.

“*Ad pulchritudinem, tria requiruntur: integritas, consonantia, claritas*”: “três são as condições da beleza: integridade, harmonia e esplendor”. São Tomás de Aquino atribui ao “belo” três características essenciais: a integridade da perfeição; a proporção das partes (a clareza) e a verdade da beleza.

Esta definição expressa

a perfeição da proporção das coisas para o intelecto. Daí as três condições da beleza: “integridade, porque a inteligência ama o ente, proporção, porque a inteligência ama a ordem e ama a unidade, enfim e sobretudo, esplendor ou clareza, porque a inteligência ama a luz e a inteligibilidade”. A beleza é essencialmente um objeto do intelecto, mas também cai sob a apreensão da visão e audição à medida que servem ao intelecto (MARITAIN in IVANOV, 2006, p. 14)⁴.

Na “Suma Teológica” também pode-se perceber a relação entre Tomás de Aquino e os gregos sobre a *kalokagathia* segundo a qual o belo é uma espécie do bem; segundo as palavras de Tomás de Aquino: “*pulchra est aliqua boni species*” (Aquino, 1891, p. 192 in: IVANOV, 2006, p. 14).

O belo coincide com o bem materialmente, pois a sua obtenção é boa para aquele que o “apreende”. “O prazer no conhecimento é essencial ao belo e implicado na sua noção” (MARITAIN in: IVANOV, 2006, p. 15).

Em resumo, para São Tomás de Aquino, o belo é um aspecto ou uma característica do bem. Sendo o bem aquilo que todos desejam ele representa a própria teleologia (fim) da vida humana. Por sua vez, o belo também é desejado e, portanto, tem um valor teleológico; mas, ao contrário do bem, o belo só se refere aos sentidos (faculdade cognoscitiva): visão, audição e à consciência das coisas (o que inclui os demais sentidos: tato, olfato e gosto).

O belo, enfim, só se refere aos sentidos que têm maior valor de conhecimento e que servem à Razão. O que agrada na beleza não é objeto em si, mas a faculdade de apreender este objeto.

⁴ Jacques Maritain in IVANOV (2006).

Assim, voltando à sua afirmação de que “três são as condições da beleza: integridade, harmonia e esplendor”, pode-se ir mais além, e, do ponto de vista político e social reconsiderar estes aspectos.

A integridade significaria a qualidade de alguém ou algo ser íntegro, de conduta reta, pessoa de honra, ética e educada. A harmonia diria respeito ao modo como as partes se relacionam com o todo, rege as construções, a arte e como organiza este mundo. E o resplendor, ao prazer que sentimos quando presenciamos a beleza, ou seja, é o prazer dos sentidos. Deste modo, poderíamos estabelecer aqui uma relação bastante direta entre a fruição da beleza e o prazer como elemento da felicidade.

3.4 IDEAIS ESTÉTICOS NA CULTURA JAPONESA

Para analisar as relações entre a beleza e a felicidade presentes nos conceitos que presidiram às criações de Jum Nakao, que ele próprio deixa claro ao tratar de seu processo de criação em várias áreas (moda, design industrial, etc.), as analogias entre suas ideias e a noção do belo relacionada ao bem, que foi tratada acima, sobretudo a partir da ligação entre a obra de São Tomás de Aquino à ideia grega da *kalokagathia*, expressa em Aristóteles, este texto, irá, agora, fazer uma ligação entre estas ideias e uma outra cultura – a japonesa.

A retidão de caráter, “andar reto”, fazer as coisas certas, são comentários que se repetem nas entrevistas, nas falas e nos escritos de Jum Nakao. Tais ideias também podem ser relacionadas aos conceitos de bem e belo de uma cultura à qual ele está ligado pela sua origem: a cultura japonesa.

Praticamente na mesma época em que a disciplina da estética comparativa surgiu com um programa sistematizado no Ocidente, no final do século XIX, no Japão começou a se estabelecer algo semelhante: o *bigaku*, considerado uma disciplina acadêmica e filosófica que tratava dos conceitos da beleza, ou seja, da estética (PFEIFFER, 2004, pp. 25-26).

A partir do processo de ocidentalização, e modernização, a estética japonesa passou a sofrer uma pressão teórica ocidental, com a necessidade de classificar e distinguir uma série de conceitos estéticos vindos de áreas diferentes do conhecimento e da cultura.

Em geral, as questões estéticas podem ser percebidas em problemáticas relacionadas à religião, ritual, ofícios, por um lado, “e, por outro lado, com efeitos estéticos crus, sutis e quase intangíveis” (PFEIFFER, 2016, p. 26).

Uma destas distinções é feita entre o caráter proposital e a praticidade do fazer artístico – *gijutsu* – e o caráter ideal da criação artística – *geijutsu*. Nishi Amane (1829-1897), foi considerado um dos primeiros teóricos da Estética no sentido moderno do termo [idem, ibidem].

Não é o objetivo deste trabalho aprofundar-se nestas questões, ainda tão inexploradas, mas apenas apresentar alguns elementos ligados ao belo e à apreciação da beleza pela cultura japonesa, inserida, em uma cultura oriental em oposição à cultura ocidental (de tradição grega-judaico-cristã).

Na estética japonesa pré-ocidental, tradicional, existem alguns aspectos da apreciação do belo (no caso do texto de Pfeiffer, ele os utiliza para análise crítica do cinema japonês contemporâneo).

O conceito de *aware*, ou *mono no aware*, diz respeito à “apreciação enfática, tingida de tristeza, com a beleza efêmera na natureza, na vida e na arte. O *wabi*, por sua vez, é uma espécie de beleza simples, austera, relacionada a um estado mental de serenidade, transcendental. O *furyu*, que apresenta vários ‘estados’, é definido como o gosto refinado de uma pessoa sofisticada, cultivada e as obras de arte ou outras coisas associadas a ela.

Pfeiffer afirma que, para um espectador ocidental, é praticamente impossível distinguir entre *sabi*, *waabi*, *aware* e *yugen* [uma mescla entre a beleza de superfície e a beleza profundamente espiritualizada] (PFEIFFER, 2016, pp. 26-27).

Segundo os estudiosos do gênero, o grande mestre do haikai, Matsuo Bashô (1644-1694), considerado o responsável por este gênero poético ter alcançado a dignidade da arte poética, cria as normas do estilo *yûgen* – beleza misteriosa, sutil e profunda; mistério oculto sob o aparente; *kanjaku* (quietude, tranquilidade), baseado no conceito de *sabi* (pátina do tempo, mistério da transformação), *shiori* (ritmo de palavras) e *hosomi* (finura, elegância) (YAMASHIRO, 1986, p.163).

Todas estas noções, embora sejam usadas para descrever efeitos estéticos nas obras de arte, não cabem nas fronteiras dos domínios que a cultura ocidental consideraria como a disciplina da estética. Eles transbordam continuamente para

domínios não-estéticos da vida. Por exemplo, o termo *iki*, propagado por Kuki Shûzô⁵, “a coqueteria, a compostura e a resignação e seu efeito de ‘elegância’ tornam-se ingredientes maiores de um estilo estético de vida” (PFEIFFER, 2016, p. 27).

Sem se aprofundar muito no assunto complexo das diferenças entre os conceitos estéticos de beleza na estética ocidental e na cultura japonesa, é possível, porém, apontar para algumas questões básicas.

A estética ocidental, influenciada pelas noções aristotélicas, é também muito influenciada – e isto é possível de ser verificado na filosofia de São Tomás de Aquino – pela ideia judaico-cristã de criação. A Criação é essencialmente um bem, é perfeita. Os seres humanos, porém, são marcados e assediados pelo Pecado Original. Na prática, empiricamente, este mundo seria mais ou menos um mundo mau. A arte, durante muito tempo, figurou ao lado da religião, e era usada, frequentemente, para mimetizar ou mesmo constituir um mundo melhor, em face da falência da moralidade. A questão da arte como imitação, como mimesis, apresentada por Aristóteles, traz em pauta a questão da imitação como uma criação humana, uma “invenção da ação humana forjada pelo caráter. (PFEIFFER, 2016, p. 28).

No caso do Japão, o mito, ideia ou paradigma da Criação, assim como o do cosmos, não se aplica às suas conceitualizações relativas à estética. Simplificando uma problemática muito complexa, pode-se dizer que, de modo geral, os seres humanos são considerados como parte de um mundo que de algum modo veio à existência. O poder das forças naturais provoca assombro e pasmo sobre os seres humanos. O imenso poder da natureza faz com que os seres humanos estejam sempre atentos às suas operações e ao seu impacto.

O impacto climático e natural, é, assim, um ponto importante nesta percepção. A exuberante fertilidade da natureza pode ser expressada por catástrofes naturais, tais como terremotos e tufões. A natureza crua ameaça e é preciso enfrentá-la. A necessidade premente de se distanciar do impacto incessante das forças naturais e de se resignar a ele, caso os esforços fracassem, é um ponto importante a ser considerado.

Para ser bela, a natureza tem que ser domada, primeiro. O esforço de domar a natureza continua sempre, levando à necessidade de eliminá-la a fim de criar espaço para um conceito de natureza

⁵ Kuki Shûzô (1888-1941), proeminente acadêmico, filósofo e professor universitário japonês (PINCUS, 1996).

como formas envolvendo sentimentos sutis. Este conceito é em grande parte estético. Ele relaciona [...] forma e sentimento. O espaço intermediário – entre natureza crua e disponível, natureza estetizada – tornou-se a pedra de toque mais importante também para a arquitetura do Japão, prefigurado na esteira do *tatami*, cuja referência é o corpo humano (PFEIFFER, 2016, p. 31).

No capítulo seguinte, referente às criações de Jum Nakao no segmento moveleiro, que inclui também suas intervenções artísticas, textos, palestras e cursos, podemos perceber que a noção de Belo em suas criações, constitui uma linha visível de conexão entre beleza e valores éticos (Bem). Nesse sentido, observamos rica possibilidade de discussão ética existente desde Aristóteles harmonicamente à sua relação com a visão japonesa, que em síntese, revela relacionamento entre o humano e a Natureza.

4. A ESTÉTICA DA FELICIDADE E O MOBILIÁRIO DE JUM NAKAO

“Precisamos ir além do real, do conhecido, para trazer um pouco do inefável para o visível. Pensar com as mãos nos ensina como fazer, mostra ao cérebro aquilo que ele não alcança, revela potencialidades não enunciadas das matérias, improvisa funcionalidades, altera códigos e ensina novas formas de construir. *Quando fazemos com as mãos: respeitamos as vocações da matéria e descobrimos novas formas de moldar a obra.* Traduzimos valores em produtos, de forma simples, eficiente e surpreendente, porque quem faz: pensa com as mãos”.

(NAKAO, 2012).

4.1 – MOBILIÁRIO

“Sempre pensei em mudar o mundo”. Esta é uma afirmação que Nakao fez várias vezes, em diversos momentos e por diversos meios. A beleza e o significado das criações e a necessidade da reinvenção são elementos que, para ele, são mais importantes do que os negócios, a ampliação de mercados e a expansão de suas atividades. Jum Nakao é definido como “resiliente e ousado”, e estas características o levaram a seguir novas direções para compartilhar o que ele aprendeu, aprendendo novamente por sua vez, e com isso, tentando transformar o mundo por intermédio da transformação das pessoas.

Criar para revelar a essência, e preservar suas raízes, transformar-se e transformar o mundo à sua volta, adaptar-se às transformações e às crises, resistir, ser flexível, ser sustentável. Esta é, em linhas gerais, a bússola que orienta o variado percurso do designer Jum Nakao em todas as suas áreas de atuação.

A “migração para a moda” de Jum Nakao, segundo suas próprias palavras, termina com seu último desfile no São Paulo Fashion Week, “A Costura do Invisível”, que marcou o encerramento das atividades de sua confecção após 25 anos dedicados à indústria da moda.

Depois de uma palestra para contar sua trajetória a convite da diretoria da Faculdade de Artes Plásticas da FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado), onde ele fora aluno, e após um comentário elogioso do diretor da faculdade, Jum Nakao desperta para a necessidade de se voltar novamente à sua ideia de “transformar o mundo”.

Depois de 25 anos dedicados à indústria de moda, percebia que minha atuação como estilista pouco tinha transformado a sociedade. A

decisão de interromper as atividades [de sua confecção] decorria deste fato e da constatação do efeito reverso: a minha sobrevivência como empresário e estilista implicava numa renúncia e num embrutecimento de afetos. O mundo não precisa de pessoas mais bem vestidas, o mundo precisa de pessoas melhores (ANDREASSA, 2017).

Daí sua conclusão de que a educação seria o próximo passo de seu percurso, permitindo-lhe

compartilhar conhecimento, vivências, saberes. Para transformar uma sociedade é necessário transformar o indivíduo. Uma pessoa transformada vale a empreitada. Às vezes é bom mudar a estratégia, a abordagem, mas continuar no caminho. Chegaremos num lugar, ou no mínimo sairemos transformados deste percurso (ANDREASSA, 2017).

Por outro lado, a experiência acadêmica e a educação o levaram também a desenvolver projetos internacionais de grande porte como um modo de alcançar ainda mais pessoas. Daí, não tardou para que Jum Nakao colocasse em prática todas estas ideias e valores também no design industrial.

O conceito de felicidade não é um elemento desconhecido nos questionamentos do design industrial moderno e contemporâneo. Questionar o significado de felicidade no mundo atual e de que forma o design lida (ou deveria lidar) com tal concepção tem se tornado uma questão cada vez mais relevante. Isto faz com que várias questões que são apresentadas ao designer nos dias atuais estabeleçam uma ponte com a questão filosófica da felicidade, que foi apresentada nos itens anteriores deste capítulo.

Pode-se perceber que, atualmente, o conceito de felicidade é muitas vezes reduzido ao conceito de sucesso e de realização de intenções. Muitas vezes a felicidade é vista como um ciclo de desempenho, no qual, ser feliz é “melhorar” e se divertir cada vez mais a cada dia, por meio das inúmeras opções apresentadas por uma espécie de menu ilimitado de “estilos de vida” à disposição dos “consumidores de felicidade”.

O design, desde a Bauhaus, tem insistido no enunciado de aprimorar o bem-estar social, o conforto e a qualidade de vida. Porém, atualmente, arquitetos, projetistas e designers deixaram de considerar apenas os aspectos puramente funcionais e artísticos do mobiliário, englobando outros aspectos, tais como o prazer físico, estético, sensorial, psicológico e até nostálgico (PORANGABA; TOLEDO, 2010).

Vários estudiosos passaram a considerar o conforto segundo uma perspectiva mais subjetiva e relacionada aos sentidos do corpo humano, tentando ultrapassar a visão mecanicista, que determina os padrões de bem-estar apenas como ligados ao clima, iluminação e ventilação.

Nomes como Aloísio Schimdt, Alain de Botton e Edward Hall passaram a analisar os sentidos humanos, seu estado de satisfação e conforto. O mobiliário passa a ser considerado em relação ao espaço da moradia como um local de expressividade, carregada de significados, sonhos e comodidades. O móvel passa a ser considerado como um objeto que “fala” com seu usuário, despertando sensações e promovendo bem-estar, prazer e conforto.

Formas, texturas e materiais são utilizados para despertar sensações como aconchego, abrigo e conforto; levando em consideração que os indivíduos depositam no espaço de sua casa desejos, aspirações e uma gama de significados (PORANGABA; TOLEDO, 2010).

Comunicar-se com um objeto é algo estreitamente conectado às emoções humanas. A sensação de conforto necessário em um espaço de habitação, um lar, é cada vez mais entendida como relacionada à capacidade de despertar a sensação de felicidade por meio de objetos, mobílias e construções. Como afirmou o filósofo suíço Alain de Botton “também necessitamos que os objetos à nossa volta nos falem deles” (BOTTON, 2007, p. 106).

O ser humano é capaz de se relacionar intimamente com o espaço à sua volta, utilizando seus sentidos para conhecer, pela percepção, tudo à sua volta.

O sentido que o ser humano tem do espaço apresenta uma relação muito próxima com seu sentido do eu, que está em íntima interação com o ambiente. Pode-se considerar que o ser humano possui aspectos visuais, cinestésicos, táteis e térmicos de seu eu cujo desenvolvimento pode ser inibido ou estimulado pelo ambiente (HALL, 2005).

Alain de Botton afirma que, mesmo quando nossos móveis não se assemelham a formas humanas e não nos comunicam algo, não é difícil imaginar as personalidades que eles poderiam apresentar (BOTTON, 2005, p. 89).

O homem contemporâneo está cada vez mais preocupado em registrar sua identidade e sua personalidade por meio dos objetos que o cercam. Móveis e utensílios seriam capazes de se comunicar conosco e demonstrar identidade de seus donos. E ao se comunicarem, também usam de citações, isto é, são capazes de

despertar desejos, lembranças e recordações, referindo-se ao contexto nos quais vivemos e se comunicando por meio de associações (BOTTON, 2007, p. 94).

A percepção do conforto sentido num espaço ou num móvel está relacionado à forma pela qual eles interagem conosco. Uma cama é percebida como a mais confortável de todas pelo cheiro, tato, maciez; a sensação de conforto extrapola os limites da visão, isto é, à fruição puramente estética do objeto, se considerarmos a perspectiva ocidental dominante, como já foi apresentada acima, ao apresentarmos as ideias de belo oriundas da filosofia aristotélica e tomista.

Voltando às relações que Jum Nakao estabeleceu com o design industrial, seu primeiro trabalho no design de objetos foi feito a convite da Dominici, em outubro de 2007, empresa para a qual ele criou a “Risca de Luz, luminária ajustável pelo giro da cúpula”. Na descrição do objeto na homepage de Jum Nakao, lê-se:

Uma cúpula radial com diferentes concentrações de linhas que, de acordo com a perspectiva obtida pelo giro da cúpula, projeta mais ou menos luz no ambiente.

O conceito resgata os remotos princípios astrofísicos como o eclipse, o teatro de sombras. Uma luminária com iluminação modelável de forma simples de acordo com as nuances de momentos de cada ambiente⁶.

A descrição é ao mesmo tempo técnica, minimalista e poética; descreve a influência de sua criação em termos que evocam os significados por detrás das palavras: “eclipse, teatro de sombras”. Um fenômeno da natureza e uma criação humana, interpostas. Jum Nakao a descreve assim, numa entrevista:

desenhei a luminária Risca de Luz, um projeto onde a luminosidade é controlada através da rotação de uma cúpula preta com riscos por onde vaza a luz. A densidade dos riscos é em dégradé, o que permite direcionar e ajustar a luminosidade (NAKAO, 2017).

À esta precisa descrição técnica, ele acrescenta a explicação da inspiração do objeto e de seu nome:

O nome Risca de Luz é uma adaptação poética do tecido clássico de alfaiataria Risca de Giz, uma homenagem direta à moda de onde sou egresso (ANDREASSA, 2017).

⁶ Fonte: <<http://www.jumnakao.com/portfolios/dominici/>>

Figura 15 - Luminária Risca de Giz, Dominici, design de Jum Nakao, 2007

Fonte: <<http://www.jumnakao.com/portfolios/dominici/>>

Em 2009, Jum Nakao desenha um móvel conceito para a Dpot:

Havia recém-chegado de uma exposição e ainda estava impregnado da exaustiva função de encaixotar, desencaixotar e instalar as obras. A sinapse foi imediata: facilitar. Propus uma linha de memórias transportáveis, sonhos encaixotados. (NAKAO, 2017).

Mais uma vez Nakao descreve o processo de criação de seu móvel, mesmo considerando um referencial funcional (facilitar uma ação exaustiva), ligando-o, logo após a conceitos abstratos, inatingíveis, invisíveis, mas tornados visíveis pelo objeto criado: memórias e sonhos.

A memória (visual) está presente na gênese do objeto, como Nakao descreve em seu portfólio virtual:

Há alguns anos em meio a uma viagem pelo sul do Brasil, me deparei com um balanço no meio do nada à beira de uma estrada. Um balanço que contemplava um campo vazio. Suas estruturas emolduravam e enquadravam o ar. Em 2009 recebi o convite da Baba Vacaro para desenhar um Móvel para a Dpot.⁷

⁷ <<http://www.jumnakao.com/portfolios/dpot/>>

Figura 16 – Balanço à beira da estrada.

Fonte: <<http://www.jumnakao.com/portfolios/dpot/>>

Nakao continua:

O móvel comporia uma espécie de intervenção privada, onde a própria estrutura da caixa seria a moldura do trabalho. Uma estrutura vazada formando uma espécie de portal para a nova relação do olhar com o espaço onde a obra estivesse instalada. Uma abertura através de um vazado repleto de fantasias de nossas memórias e sonhos, agora possíveis [NAKAO, 2017].

Figura 17 – Móvel para Dpot, 2010

Fonte: < <http://www.jumnakao.com/portfolios/dpot/>>

A relação entre o visível e o invisível no objeto (um questionamento que Jum Nakao já havia tratado de forma radical na “Costura do Invisível”), reaparece nestes dois objetos criados por ele. Tanto a luminária “Risca de Luz” quanto o móvel conceito usam o jogo entre vazio e estrutura, luz e sombra, sentidos e significados.

Em 2010, Nakao cria para a Tok Stok, em edição limitada, o “Moving”, descrito como um “totem com módulos cúbicos giratórios”. Sua descrição é bem mais lógica, e menos emocional, mas não totalmente isenta de significados menos tangíveis (por exemplo, no uso do termo eclipsar):

Direcionamento individual para atender variados ângulos de visão e integrar diferentes ambientes.

Módulos sem portas. Fundo em diferentes cores de acrílicos. Ao invés de fechar, damos as costas dos módulos para o ambiente onde se deseja eclipsar o conteúdo através destes filtros acrílicos.⁸

Nakao complementa esta descrição na entrevista: “Proposta de flexibilidade expositiva e interatividade lúdica com o usuário” (ANDREASSA, 2017).

Figura 18 – “Moving”, Tok Stok, 2010. Design de Jum Nakao.

Fonte: <<http://www.jumnakao.com/portfolios/tok-stok-brasil/>>

⁸ <<http://www.jumnakao.com/portfolios/tok-stok-brasil/>>

Ainda em 2010, A Lot Of (Brasil/Itália) o convida para desenvolver:

uma coleção de móveis em chapa metálica recortada a laser com pintura eletrostática. As linhas estéticas dos móveis buscaram conferir leveza ao material e o mesmo aspecto de fragilidade do papel (ANDREASSA, 2017).

Nota-se mais uma vez, a remissão à “Costura do Invisível” e à tessitura de uma relação ininterrupta com uma criação que, mesmo efêmera, volta à vida de outra forma e em outro tipo de criação. A referência é proposital e descrita por Nakao:

A referência utilizada para o corte a laser foi o mesmo padrão de renda de um dos vestidos de papel do desfile a costura do invisível. O design simples e lúdico das peças remete a seres egressos de um universo de pictogramas (Idem, ibidem).

A descrição é mais completa no portfólio virtual:

Para conferir delicadeza ao aço, rendamos o material com os mesmos motivos da coleção A Costura do Invisível. Recortamos no aço os motivos da renda com laser e espaços vazios foram criados nos móveis para flutuação do usuário e flexibilizar a rigidez do aço. Os vazados das rendas, além de conferir leveza ao material, servem para conduzir a luz através de seus canais para projeção dos seus desenhos no espaço”⁹.

Mais uma vez, a presença da ligação entre o elemento delicado do rendilhado ligado à dureza do material (aço), mais uma vez os espaços vazios ligados aos conceitos de flutuação e flexibilidade; os vazados da renda como canal de condução da luz para projeção de seus desenhos no espaço. Inovando, Jum Nakao também sempre está citando os elementos dominantes em sua estética baseada na essência.

O tema do invisível estará presente em sua próxima criação, de 2011, a Linha Água-Viva, “O desenho do silêncio”.

Inspirado na delicadeza dos tentáculos da água-viva, o metacrilato é cortado e fragmentado em finas tiras para conferir flexibilidade e leveza. Os traços de flutuação e sustentação de um corpo no espaço são desconstruídos e reconstruídos, nasce assim a linha de peças assinadas “O Invisível, por Jum Nakao” (ANDREASSA, 2017).

⁹ <<http://www.jumnakao.com/portfolios/a-lot-of/>>

Figuras 19 e 20 – Linha Água Viva (esq.) e imagem de uma água viva

Fonte: <http://www.jumnakao.com/portfolios/linha-agua-viva/>

Um elemento orgânico como inspiração (os tentáculos da água-viva), reúne-se aos elementos já trabalhados por Nakao no design de seus outros objetos: flexibilidade, leveza, flutuação e sustentação. Outras referências orgânicas e culturais, como o “jardim zen” são apresentadas no texto do portfólio virtual:

Como harmonizar o design de móveis com a plenitude de um jardim zen ou com a perfeição das linhas dos espaços arquitetônicos? Como não interferir no espaço? Como desenhar em silêncio?

O aspecto líquido solidificado do metacrilato sempre chamou a atenção de Jum Nakao pela sua transparência e resistência.

Neste material, Jum encontra o contraponto de maleabilidade e capacidade de se moldar ao tato para responder ao silêncio desejado. [...]

Ao desenhar uma roupa, pensamos na espacialidade de um corpo no espaço; ao pensar em um móvel, desenhemos uma suspensão do movimento deste corpo no espaço.

Cada móvel de Jum Nakao é um registro deste movimento¹⁰.

¹⁰ <<http://www.jumnakao.com/portfolios/linha-agua-viva/>>

Figura 21 – Linha Água Viva

Fonte: <<http://www.jumnakao.com/portfolios/linha-agua-viva/>>

Plenitude, perfeição, não-interferência (no espaço) e silêncio; qualidades imponderáveis que conectam natureza e criação humana – o jardim zen, os espaços arquitetônicos; o líquido solidificado, transparente e resistente ligado ao material industrial de nome árido: o metacrilato.

Aqui há uma ligação explícita, uma relação entre o cheio e o vazio; a criação corresponde à ideia do vácuo que ele irá preencher. A modelagem da roupa corresponde ao desenho do corpo; Jum Nakao criou uma metodologia de ensino de construção da modelagem, que estimula a criatividade sobre novas formas de vestir que leva o seu nome “Metodologia Jum Nakao”¹¹.

O percurso interdisciplinar de Jum Nakao é revelado a partir destas interrelações no processo de criação, seja de uma roupa, seja de um móvel. Além do curso de modelagem, ele também oferece dois tipos de workshop. O workshop “Modelar” tem a pele como ponto de partida, e não exige conhecimento prévio em técnicas de modelagem; mas oferece o aprimoramento da compreensão dos princípios e aplicabilidades da modelagem. O workshop “Desconstruir”, por sua vez,

¹¹ <<http://www.jumnakao.com/cursos/>>

trata da “articulação de novas linguagens a partir da desconstrução e ressignificação de referências”¹². São as mesmas questões que encontramos em todo o seu processo de criação e na descrição de todos os seus produtos e objetos.

A análise do Design como aspecto fundamental das relações, como promotor de isolamento ou aproximação, angústia ou segurança, convívio e negócios, cultura e responsabilidade social e pelo entorno. Se determinado projeto de Design ou artístico de Jum Nakao não tiver o caráter transformador, ao menos incutiu repertório na vivência do indivíduo afetado por ele.

Uma das mais importantes experiências de Jum Nakao no design de móveis iniciou durante sua participação no evento Casa Cor 2012, mostra de arquitetura, design de interiores e paisagismo patrocinada pela empresa do mesmo nome (CASACOR), pertencente ao Grupo Abril. Trataremos de sua participação mais abaixo. Porém, foi em 2012, quando ele foi convidado para ser homenageado, para criar os móveis do “Espaço Jum Nakao”, entrou em contato com a indústria de móveis (ou marcenaria industrial, como preferem seus donos) Schuster, e de sua parceria surgiu a linha de móveis Jum Nakao.

A empresa Schuster, localizada no Rio Grande do Sul tem uma filosofia ligada à sustentabilidade e ao aproveitamento de madeira e derivados oriundos de reflorestamentos, propondo seu manejo adequado, e o respeito ao meio ambiente. Entre suas coleções, mantém uma linha denominada “Design de autor”. Jum Nakao foi convidado para protagonizar sua 3ª edição – Design do autor III. A primeira edição foi apresentada por Sérgio Rodrigues e a segunda por Bernardo Figueiredo.

¹² <<http://www.jumnakao.com/portfolios/workshops/>>

Figura 22 – Design do Autor III – Jum Nakao - esboços

Fonte: < <http://www.jumnakao.com/portfolios/design-do-autor-iii-schuster-jum-nakao/> >

Jum Nakao apresenta sua linha com uma declaração filosófica, segundo a qual: “Desenhamos através do design: harmonia, bem-estar e felicidade” (NAKAO, 2017).

Consideramos fundamental propiciar através do design um momento de introspecção no dia à dia das pessoas, um estado de solitude, não no sentido de estar só, mas inteiro.

Desenhamos através do design: harmonia, bem estar, felicidade¹³.

O desdobramento do trabalho de Nakao da Moda para o mobiliário, mais do que a forma, o volume e a textura, se dá a partir dos aspectos conceituais subjetivos, ou seja, a materialidade do projeto, representa o discurso intencional do artista. O material utilizado foi a madeira maciça e laminados multifacetados e acabamento em laca na cor branca. De acordo com Nakao, as peças em branco e tons claros brincam com o limite entre o encantamento e a realidade e têm nomes que traduzem desejos humanos sublimes como a harmonia e equilíbrio, bem como remetem a mensagens positivas e elementos naturais.

Todos os móveis desta linha recebem um nome ligado a estas sensações, e revelam estes aspectos de dicotomia entre o dentro e o fora, tanto de casa, quanto de

¹³ <<http://www.jumnakao.com/portfolios/design-do-autor-iii-schuster-jum-nakao/>>

si mesmo. O desejo de introspecção e de solitude é algo que liga Nakao tanto às concepções de felicidade e bem-estar filosóficas que apresentamos anteriormente, quando a algumas sensações impalpáveis do fruir estético da cultura japonesa, que esboçamos também acima.

Os móveis da linha são apresentados da seguinte forma:

Aparador Jum Nakao – Boas Vindas

O aparador Boas Vindas simboliza um divisor entre o dentro e o fora; recebe as pessoas e guarda em sua gaveta elementos de conexão entre estes universos, como chaves e pequenos objetos, a serem retomados somente no caminho inverso, ritualiza a experiência de se desconectar do mundo e dá as boas-vindas para a experiência de estar em casa.¹⁴

Figura 23 – Aparador Boas Vindas

Fonte: <<http://www.jumnakao.com/portfolios/design-do-autor-iii-schuster-jum-nakao/>>

Entrar em casa e se despir do pó e das preocupações externas merece um ritual – entre os orientais, tirar os sapatos é parte dele. O aparador, assim, representa este ritual inverso de desconexão com o mundo exterior (quando se entra), para entrar no mundo calmo e sem preocupações da “solitude” do estar em casa; e, ao sair, o

¹⁴ <<http://www.jumnakao.com/portfolios/design-do-autor-iii-schuster-jum-nakao/>>

simples ato de pegar as chaves de uma de suas diminutas gavetas assinala o momento de se conectar novamente com o mundo exterior.

Qualidades antropomórficas dos objetos reúnem-se aos elementos acima descritos, na criação da poltrona, do apoio de pernas e da mesinha lateral da linha:

Poltrona Jum Nakao – Aconchego

A poltrona Aconchego tem seu design inspirado na concha da palma da mão e almofadas do dedos, referência à acolhimento e segurança, como a mão que segura a cabeça de um bebê.

Apoio de pernas Jum Nakao – Bom Descanso

O apoio de pernas Bom Descanso complementa a poltrona Aconchego para a experiência completa: ninar como um bebê.

Mesinha lateral Jum Nakao – Encanto

A mesinha lateral Encanto com suas pernas desenhadas em movimento, parece ter vontade própria em querer caminhar para nos servir e encantar¹⁵.

Figura 24 – Poltrona Aconchego e Apoio de pernas Bom Descanso

Fonte: <<http://www.jumnakao.com/portfolios/design-do-autor-iii-schuster-jum-nakao/>>

¹⁵ <<http://www.jumnakao.com/portfolios/design-do-autor-iii-schuster-jum-nakao/>>

Figura 25 – Poltrona Aconchego

Fonte: <<http://www.jumnakao.com/portfolios/design-do-autor-iii-schuster-jum-nakao/>>

As características antropomórficas das peças - concha da palma das mãos, dedos na poltrona e as perninhas da mesa -, aliam-se à qualidade de um retorno à infância, na experiência do descanso: acolhimento e segurança como a mão que segura a cabeça do bebê e “ninar como um bebê” (usando a poltrona e o descanso para as pernas). Ao mesmo tempo, uma ideia de encantamento onírico, de magia infantil nas pernas da mesinha lateral: “com suas pernas desenhadas em movimento, parece ter vontade própria em querer caminhar para nos servir e encantar”.

Figura 26 – Mesinha Encanto

Fonte: <<http://www.jumnakao.com/portfolios/design-do-autor-iii-schuster-jum-nakao/>>

Segurança, aconchego relacionadas à memória e à capacidade infantil de se encantar e de dar vida aos objetos que nos cercam, são as experiências que estes móveis se dispõem a oferecer.

A gentileza na construção é um dos principais pontos de “A Arquitetura da Felicidade”, de Alain de Botton:

...o valor da gentileza se confirmará nas dobras delicadas das cortinas. Nosso interesse por um modesto e afetuoso tipo de felicidade será favorecido pelas desprezíveis tábuas de madeira do assoalho. Os materiais a nossa volta nos falarão das mais altas expectativas que temos com relação a nós mesmos. Neste ambiente, podemos chegar perto de um estado mental marcado pela integridade e a vitalidade. Podemos nos sentir interiormente liberados. Podemos, num sentido profundo, voltar para casa. (BOTTON, 2007, p. 119)

A ideia da poltrona Aconchego, ou da mesa Harmonia, por si só são uma poesia e uma gentileza por meio do Design.

Mesa Jum Nakao – Harmonia

A mesa é o local onde compartilamos mais do que alimentos, ideias, afetos, é onde buscamos o espírito da Harmonia.

Cadeira Jum Nakao – Nuvens

As copas das árvores remetem à nuvens, assim como nuvens remetem à copas das árvores. A Cadeira Nuvens de design naif nos desarma para o necessário estado de espírito para degustarmos a vida e assim nos sentirmos literalmente nas Nuvens¹⁶.

Assim como outros itens do mobiliário, o aparador Boas Vindas, o criado mudo chamado Bons Sonhos, a cadeira Nuvens, ou seja, por intermédio do Design o desejo de harmonia, bem-estar e felicidade. Propiciar as pessoas, tendo como instrumento de comunicação o Design, uma elevação espiritual, uma experiência acolhedora de felicidade e humanidade.

¹⁶ <<http://www.jumnakao.com/portfolios/design-do-autor-iii-schuster-jum-nakao/>>

Figura 27 – Mesa Harmonia visa ao compartilhamento de alimentos e afetos.

Fonte: <<http://www.jumnakao.com/portfolios/design-do-autor-iii-schuster-jum-nakao/>>

O aspecto lúdico é retomado pelo design naif, realmente ingênuo e desarmador, da cadeira Nuvens.

Figura 28 – Cadeira Nuvens.

Fonte: <<http://www.jumnakao.com/portfolios/design-do-autor-iii-schuster-jum-nakao/>>

Os demais objetos retomam estas características, todas ligadas a um estado de relaxamento, sonho, gentileza, encantamento e felicidade. “Creio que o design necessário seja aquele que evoca afeto. O mundo moderno substituiu sonhos individuais por modelos reproduzidos sem limite de cópias”, afirmou numa entrevista¹⁷.

Luminária tripé Jum Nakao – Outono

O Outono é o tempo das folhas caírem e revelar as estruturas invisíveis. A luminária Outono em sua tríade confere o tempo ao tempo. O galho intermediário com sua iluminação à altura dos olhos: o tempo para ler; o galho menor com sua iluminação voltada para objetos: o tempo para contemplar; o galho maior iluminando o alto: o tempo para refletir¹⁸.

Figura 29 – Luminária Outono

Fonte: <<http://www.jumnakao.com/portfolios/design-do-autor-iii-schuster-jum-nakao/>>

Toda a simbologia do outono, tão importante na cultura japonesa (embora presente em todas as culturas que convivem com o clima temperado e suas mudanças de estações bem demarcadas), com o recolhimento, a preparação para o inverno, e a

¹⁷ <<http://casa.abril.com.br/profissionais/a-moda-o-design-e-a-arte-de-jum-nakao/>>

¹⁸ Idem, ibidem.

fruição de um tempo de introspecção está ligado ao objeto que será usado para ler, refletir, contemplar.

A inspiração da luminária de parede Bons Fluidos são alamedas iluminadas. Sua proposta é trazer para dentro de casa a experiência de caminhar por percursos ladeados por galhos e luz¹⁹.

Figura 30 – Luminária Bons Fluidos

Fonte: <<http://www.jumnakao.com/portfolios/design-do-autor-iii-schuster-jum-nakao/>>

Ao contrário da luminária Outono, a luminária Bons Fluidos evoca a experiência de um passeio ao luar; ou seja, traz o sentimento de algo transcorrido ao aberto para o descanso no interior da casa; é uma sensação menos introspectiva, mas igualmente de caráter onírico e sentimental.

Luminária de mesa Jum Nakao – Mimo

Reproduzir a natureza em pequena escala, este é o conceito por detrás desta delicada luminária. A cúpula pode ser em versão branca ou em versão desenhada para projetar sombras de um pequeno bosque²⁰.

¹⁹ <<http://www.jumnakao.com/portfolios/design-do-autor-iii-schuster-jum-nakao/>>

²⁰ Idem, ibidem.

Figura 31 – Luminária Mimo

Fonte: <<http://www.jumnakao.com/portfolios/design-do-autor-iii-schuster-jum-nakao/>>

A delicadeza do termo “mimo” alia-se, mais uma vez, à sensação de um passeio, desta vez, na natureza, “um pequeno bosque”; a sensação é que a luminária se esfuma e apareça tão etérea quanto as evocativas imagens projetadas. As mesmas imagens relacionadas ao bosque, desta vez, relacionados à resistência das altas copas das árvores aos elementos naturais (ventos e tempestades) também estão presentes na luminária “Equilíbrio”.

Luminária de piso Jum Nakao – Equilíbrio

As copas que reinam soberanas ao alto das árvores e resistem aos ventos e tempestades são inspiração para o design e a reflexão proposta pela Luminária Equilíbrio. A cúpula pode ser em versão branca ou em versão desenhada para projetar sombras de um pequeno bosque²¹.

²¹ <<http://www.jumnakao.com/portfolios/design-do-autor-iii-schuster-jum-nakao/>>

Figura 32 – Luminária Equilíbrio

Fonte: <<http://www.jumnakao.com/portfolios/design-do-autor-iii-schuster-jum-nakao/>>

E os bosques continuam a oferecer os elementos estéticos das últimas criações de Jum Nakao para a coleção. O que se pretende é inspirar sensações diversas, da sensação de um relaxamento total (criado mudo Bons Sonhos) à celebração viva da sociabilidade (bar Viva).

Figuras 33 e 34 – Criado-mudo Bons Sonhos e esboço do móvel por Jum Nakao

Fonte: <<http://www.jumnakao.com/portfolios/design-do-autor-iii-schuster-jum-nakao/>>

Criado mudo Jum Nakao – Bons Sonhos”

Evocar a sensação de dormir na clareira de um bosque, com água nascente ao lado, e desfrutar de um sono restaurador é a proposta do Criado mudo Bons Sonhos²².

Bar Jum Nakao – Viva

²² <<http://www.jumnakao.com/portfolios/design-do-autor-iii-schuster-jum-nakao/>>

Assim como os pássaros reúnem gravetos para formar seus ninhos, o Bar Viva tem seu design concebido em camadas sobrepostas de madeira sobre uma base de galhos retorcidos. Os ovos nos ninhos guardam uma vida, o Bar Viva nos convida a celebrá-la!²³

Figura 35 – Bar Viva

Fonte: <<http://www.jumnakao.com/portfolios/design-do-autor-iii-schuster-jum-nakao/>>

4.2 - OUTRAS EXPERIÊNCIAS, OUTROS PERCURSOS: DOS PROJETOS DE EDUCAÇÃO ÀS ARTES PLÁSTICAS

“Minha última descoberta foi perceber que buscamos sempre a beleza, no intuito de alcançarmos elevação espiritual. Através dela nos elevamos e nos sentimos bem. Neste estado todo o nosso interior se transforma e consequentemente nossa percepção do exterior, também. Emanamos do interior para o exterior uma transformação proativa. O mundo ao nosso redor passa a espelhar o nosso estado de espírito. Nos transformamos na mudança que queremos no mundo”

(ANDREASSA, 2017).

Proporcionar educação e humanização, compartilhar conhecimentos e experiências de “ser” e “viver” para alcançar a felicidade, democratizar a arte, são

²³ <<http://www.jumnakao.com/portfolios/design-do-autor-iii-schuster-jum-nakao/>>

aspectos que Jum Nakao considera como um todo, independentemente das fronteiras entre diferentes disciplinas, modos de fazer, corpos de saberes e de conhecimentos.

Construir conceitos e buscar a essência continuam sendo a bússola de seus inúmeros percursos, que incluem instalações, projetos interdisciplinares, cursos, palestras, movimentos.

... emanamos do interior para o exterior uma transformação proativa. O mundo ao nosso redor passa a espelhar o nosso estado de espírito. Nos transformamos na mudança que queremos no mundo” (ANDREASSA, 2017).

O projeto artístico interativo sobre o valor da vida, “Affect Weaving – Turn”, realizado pelo Brasil e pelo Japão, foi criado para celebrar o retorno das Olimpíadas ao Japão, em Tóquio 2020, e a volta simbólica dos primeiros imigrantes japoneses à terra natal.

Enquanto os idosos teciam, as histórias de suas vidas nos eram contadas, cada linha tramada era como uma linha da vida, quando os idosos finalizaram a tessitura da obra, lá estava a Vida deles como Obra de Arte. [...] Mais do que a vida dos idosos como Obra de Arte.... é um projeto artístico sobre o valor da Vida, não importa idade ou raça, a Vida não tem preço²⁴.

Todo o projeto foi registrado em vídeo, em suas fases no Brasil e no Japão, e disponibilizado pelas redes sociais, como Facebook e o YouTube²⁵.

Em 2015, Jum Nakao foi o curador (na companhia de Ricardo Feldman) da exposição “Bailes do Brasil”, no Museu da Cidade, em São Paulo. A exposição fazia uma abordagem da cultura brasileira com a representação de um grande baile com uma “cronologia fluida, desde a primeira República no final do século 19 até os dias atuais”, buscando evidenciar as relações entre moda, música e dança.

A exposição constava de mais de 200 fotos de grandes fotógrafos (entre eles Thomaz Farkas, Vania Toledo e Pierre Berger), uma seleção musical baseada em pesquisa sobre os ritmos brasileiros e três videoinstalações com figurinos escolhidos por Jum Nakao²⁶.

A “Fonte Efêmera”, descrita como “uma obra sobre Esperança”, foi criada para celebrar a Temporada Alemanha + Brasil 2013-2014 do FestivalPrototype. Sua descrição é repleta de conotações metafísicas e teleológicas:

²⁴ <<http://www.jumnakao.com/portfolios/affect-weaving-turn-japao-brasil/>>

²⁵ <<https://www.facebook.com/jumnakao/videos/1460515037308497/>>; <<https://www.youtube.com/watch?v=8mnfoh0WvSg>>

²⁶ <<https://www.youtube.com/watch?v=NSuUKMH7tOg>>

Nesta instalação efêmera, uma controversa fonte alimenta nosso livre arbítrio para mergulharmos em entendimento sanguíneo através da experimentação de sentimentos antagônicos: mal ou bem, vitória ou derrota, morte ou renascimento, fim ou começo, indiferença ou empatia.

Acima de todo o mal, sonho e esperança.

10 coroas representam valores que corrompem, embrutecem, anestesiaram e desconectam.

7 víboras simbolizam as formas de propagação do mal.

8 abutres simbolizam a derrota.

1 figura central simboliza o mal em torno do qual tudo orbita.

1 criança no topo representa o sonho e a esperança²⁷.

“Somente através da desconstrução de referências é que é possível responder ao enigma: decifra-me ou devoro-te! “. A ideia de desperdício, não só material, mas o desperdício das potencialidades humanas sempre foi algo que o incomodou. “A sociedade se tornou uma máquina, e cabe ao homem humanizar as máquinas” (ANDREASSA, 2017).

A atuação de Jum Nakao em áreas tão diversas quanto projetos educacionais, instalações de arte, design e arquitetura e projetos sociais é tão vasta que não é possível abordar todas sem o devido aprofundamento, neste espaço. O que importa é que todas demonstram, ao lado de sua capacidade de ultrapassar as fronteiras de uma determinada área do conhecimento ou de atuação profissional, uma adequação aos princípios que as norteiam. “O impacto é a transformação, o despertar de percepções adormecidas” (ANDREASSA, 2017).

²⁷ <<http://www.jumnakao.com/portfolios/fonte-efemera/>>

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os projetos de Nakao tem o engajamento de sensibilizar as pessoas por um novo paradigma de concepção de projeto e criação. Sua própria atitude dá o exemplo e suas ações são coerentes com o seu discurso transformador. Tratam-se, de projetos que promovem inclusão e valores cidadãos, incutem os valores éticos e sustentáveis no âmbito das relações sociais, políticas, profissionais, produtivas com atenção aos impactos na sociedade e cultura.

Em relação aos campos interdisciplinares do design, dos projetos multidisciplinares que envolvem a criação e a arte, é extremamente relevante analisar as relações intertextuais das palavras sujeito, objeto, projeto e subjétil. Estes são conceitos contemporâneos presentes nas obras de Nakao, que carregam de sentidos e significados, desdobramentos de sua identidade, experiências constantes da própria produção da existência e inquietações por um mundo melhor, buscando a transformação para poder, assim, inspirar pessoas sementes a transformar o seu entorno. E como um artista pensante questionador, semear os seus conceitos a um maior número de pessoas.

E se o intuito final de todo ser humano é alcançar a felicidade, e se o design, a arte, a arquitetura e a arquitetura de interiores puderem proporcionar essas mudanças de conceitos por um novo paradigma, todo o processo fez sentido.

Nakao sempre se refere ao termo “sonho”, em relação aos seus projetos e criações. Esta é uma aspiração sempre presente em sua fala, ao discorrer sobre seu trabalho. Uma das definições de sonho está intimamente ligado aos ideais defendidos com paixão, ou desejo intenso e constante, aspiração.

Sonhos, potências e potencialidades tornam as manifestações das criações de Jum Nakao densas em significados. A potência pode ser definida como a qualidade daquilo que é potente, força, vigor, poder ou capacidade de dar movimento a algo (AULETE, 2017).

Quanto às potencialidades, segundo Espinosa, é como se tivéssemos uma fração de Deus, parte da potência infinita de Deus, eu tenho em mim forças que se esforçam para manterem-se na existência, (SPINOZA, 2017). E se associarmos esses conceitos à humanidade, generosidade, bondade em relação ao gênero humano, estaremos aptos a servir para o bem e para o melhor.

Não se trata de um sonho utópico, e sim do sonho que realiza e é concretizado por meio de pessoas revolucionárias, tanto como por Jum Nakao hoje, como pela arquiteta Lina Bo Bardi (1914–1992), que em meados da década de 1940 chegou ao Brasil, vinda da Itália e vislumbrou potencialidades e um país em que pudesse transformar as pessoas e assim o fez por meio de suas obras.

Jum Nakao percorreu (e percorre) um longo e ampliado percurso na criação de obras de artes orientadas à responsabilidade social, cursos de capacitação oferecidos e realizados em diferentes comunidades, com vistas a produção de cultura material regional. Trata-se de uma trajetória que também foi percorrida pela arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi, cuja contribuição no contexto da cultura material brasileira por meio de projetos de caráter transformador, desde a primeira sede do Masp (Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand) em São Paulo, em que se estruturou uma série de cursos, como pintura, costura, oficinas de arte, entre outros, foi evidenciada no Museu pela Lina, para que a arte pudesse ser feita por todos e não somente contemplada.

Os projetos de Lina Bo Bardi tiveram ressonâncias marcantes no modernismo, pois Lina: “buscou realizar tudo o que cabia na ambiciosa agenda do arquiteto moderno, aquele que desenhava da colher à cidade” (GRINOVER; RUBINO, 2009 p.26), e podemos identificar nos projetos de Nakao, o quanto os sonhos e as intenções de ambos convergem, da qual coincidem na função socioeducacional por meio de suas obras, a questão democratizadora do design e o desejo de transformar as pessoas.

Ao costurar as memórias, o corpo, a história e a identidade, nos conectamos com o contexto social da existência material, e se convertermos isso a uma ação ou obra, descobrimos seres que produzem arte e cultura. O processo de desconstrução é a construção da existência do artista. A memória como memória ativa, que conjuga verbos do passado, presente e futuro, subjetiva e fundante em suas construções. O corpo contemporâneo, que carrega sentidos, espacialidade e mobilidade, a roupa como avatar que movimenta em suas peles, da casa que habita e das suas extensões.

A história que marca o tempo dos acontecimentos da existência. Identidade e desejos latentes, afetos, ser e humanidade. O processo criativo em várias fases do projeto, linguagem e criação de conceitos. Enfim, a obra, no contexto da arte e cultura é o fazer que diz, pensamento, experimentação, imagem, ou seja, a poesia nela impregnada, a experiência da beleza.

O indivíduo que se transforma, quer transformar outros indivíduos. Esse exemplo está presente em Jum Nakao, no alcance de suas obras reverberam e afetam um grande número de público, por meio da arte, figurinos e concepção de personagens para a tv, espetáculos de dança, cênicos, olimpíadas, empresas de diversos segmentos, produtos de design que carregam significados, moda, workshops e palestras pelo mundo.

A gratidão que emana pela sua capacidade de transformação, faz com que ele queira retribuir generosamente a todos, e compartilhar sua caminhada e o seu processo, justamente por vislumbrar e ter um sonho de um mundo melhor.

E por vezes, especialmente percorre por comunidades longínquas, suburbanas e carentes para compartilhar e trocar, capacitação e saberes. Pois a produção de afetos é para o outro, para o outro se libertar, pensar e se deixar experimentar. Esse sonho é o motor que faz a roda girar e movimentar ações que contribuam para resignificar vidas, histórias, com ideais de humanização.

Nakao afirma que precisamos viver como pessoas conectadas a outras pessoas e com capacidade de afetar os outros, criar, projetar para criar um mundo melhor, por que o que está sendo criado, não é só um produto para ser adquirido, mas sim produtos criados para elevarem as pessoas cada vez mais perto do melhor que a humanidade tem para produzir. E que esta crença seria a mais importante ética de um criador. Criar não somente para si, e não somente mais um objeto sem sentido, mas criar algo que transforme onde vivemos. Nakao tem a missão de servir. Servir para melhor. Servir para melhorar. Sonho sonhado intensamente aliado as suas ações.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Claudia R. NOHARA, Jouliana J. **Como fazer monografias: TCC, dissertações e teses**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2013.

ANDRADE, Rita. Jum Nakao. Design de moda - entre enredos e desenredos. **Revista UFG**, Ano XI nº 7, dezembro 2009.

ANDREASSA, Sol. Jum Nakao: desconstruir, entender, ressignificar e compartilhar. Entrevista com Jum Nakao. **Revista Use**, 20 de junho de 2017. Disponível em: <<http://www.revistause.com.br/jum-nakao-desconstruir-entender-ressignificar-e-compartilhar/>> - Acesso em 30 de junho de 2017.

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica. Parte III**. São Paulo: Loyola, 2003.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. Brasília: Edumb, 1992.

_____. **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

AULETE DIGITAL. Dicionário Caldas Aulete. 2017. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>> Acesso em 2 de janeiro de 2017.

AVELAR, S. **Moda: globalização e novas tecnologias**. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2009.

BARDI, Lina. **Tempos de grossura. O design no impasse**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1994.

BONSIEPE, Gui. **Design Research Now**. Birkhauser Verlag AG, Basel – Boston – Berlin, 2007.

BOTTON, Alain de. **A arquitetura da felicidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BUSNARDO FILHO, Antonio. Instituição, poiésis e educação. **Revista Educação**, v.3, n. 1, 26-34, 2008.

CALDAS, Dario. **Observatório de sinais: teoria e prática da pesquisa de tendências**. 2 ed. Rio de Janeiro, Editora Senac Rio, 2006.

CELLA, Luisa. A moda, o design e a arte de Jum Nakao. **Casa Abril**, 8 de agosto de 2013. Disponível em: <<http://casa.abril.com.br/profissionais/a-moda-o-design-e-a-arte-de-jum-nakao/>> Acesso em 23 de fevereiro de 2017.

CASTRO, Manuel Antonio de. “O mito de Cura e o ser humano”. **Arte: o humano e o destino**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011. In: **Experienciação. Dicionário de poética e pensamento**. Disponível em:
<<http://www.dicpoetica.letas.ufrj.br/index.php/Experiencia%C3%A7%C3%A3o>>
Acesso em 12 de março de 2017.

CHAROUX, Ofélia M. G. **Metodologia: processo de produção, registro e relato do conhecimento**. São Paulo: DVS Editora, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**. Vol. 1. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, pp. 328-486.

COSTA, Carlos Zibel. **Além das formas**: introdução ao pensamento contemporâneo no design, nas artes e na arquitetura. São Paulo: Annablume, 2010.

CRANE, D.; BUENO, M. L. (org.). **Ensaio sobre moda, arte e globalização cultural**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. (1991/1992). **O que é a filosofia?** São Paulo: Ed. 34.

DE MORAES, Dijon. **Metaprojeto: o design do design**. São Paulo: Blucher, 2010.

DERRIDA, Jacques. **Enlouquecer o subjétil**. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

FILIPPO, Ana Paula Sebe. A Felicidade na Ética a Nicômaco. **Ângulo** 133, abr/jun. 201, pp. 27-33. Disponível em:
<<http://publicacoes.fatea.br/index.php/angulo/article/viewFile/996/773>>
Acesso em 10 de maio de 2017.

FLUSSER, Vilén. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. Organizado por Rafael Cardoso. Tradução: Raquel Abi-Sâmara. Editora: Cosac Naify, São Paulo, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUILLERMO, Alvaro. **Design: do virtual ao digital**. São Paulo: Rio Books e Demais editora, 2002.

GRINOVER, Marina; RUBINO, Silvana (org.). **Lina por escrito: textos escolhidos de Lina Bo Bardi**. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papirus, 1990.

_____. In NADAUD, Stéphane (org.) **¿Qué es la Ecosofía?** Buenos Aires: Cactus, 2015.

HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. Lisboa: Ed. 70, 2008.

IVANOV, Andrey. **A noção do belo em Tomás de Aquino**. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Filosofia do IFCH – UNICAMP. Campinas [São Paulo]: 2006.

KAZAZIAN, Thierry (Org.). **Haverá a idade das coisas leves: design e desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

KRONKA, Eleni. Jum Nakao: um designer de percepções humanas. **Dobras**, vol. 3, nº 7 (2009). Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/245> Acesso em 18 de janeiro de 2017.

LEE, Érika Yamamoto. **Confluências entre arte e moda**. V Ciclo de Investigações do PPGAV- UDESC 3, 4 e 5 de novembro de 2010 – ISSN: 1982-1875

_____. **Croqui, plissado de papel**. Projética, Londrina, v.4, n.2 p.67-82 jul/dez. 2013.

MAGALHÃES, Aloísio. **O que o desenho industrial pode fazer pelo país? Por uma nova conceituação e uma ética do desenho industrial no Brasil**. Revista Arcos: design, cultura material e visualidade. Rio de Janeiro – RJ. Volume 1 - número único, outubro de 1998.

MAGNAVITA, Pasqualino Romano. “Experiência Rizomática”, **Redobra**, nº 9, ano 3, 2012. UFBA.

MANZINI, Ezio. **Design para a inovação social e sustentabilidade. Comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2008.

MARTINS, Daniela Menezes; MICHAILIDIS, Georges Machado; CÂMARA, José Drummond. O valor do artesanato: uma análise sob a perspectiva do design. **Actas de Diseño nº 23. XII Encuentro Latinoamericano de Diseño “Diseño em Palermo” VIII Congreso Latinoamericano de Enseñanza del Diseño**. Año XII, 23 julho de 2017, Buenos Aires, Argentina. Disponível em: <http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/publicacionesdc/vista/detalle_articulo.php?id_libro=651&id_articulo=13610> – Acesso em 23 de maio de 2017

MARX, Karl; ENGELS; Friedrich. **A ideologia alemã**. Fonte digital Rocket Edition, 1999. Disponível em: www.jahr.org Acesso em 12 de junho de 2017.

NACCACHE, Andréa. **Criatividade brasileira – gastronomia, design, Moda. Alex Atala, Fernando e Humberto Campana, Jum Nakao**. Barueri, SP: Manole, 2013.

NAKAO, Jum. **A Costura do Invisível**. São Paulo: SENAC, 2005.

_____. **Site oficial**. Copyright 2017 Jum Nakao. Desenvolvido por EKØdesign&interactive. Disponível em: <<http://www.jumnakao.com/>> Acesso (último): 28 de julho de 2017.

NAKAO, Jum. **A Costura do Invisível. DVD.** Complemento ao livro “A Costura do Invisível”. São Paulo: SENAC SP, 2005.

NICOLESCU, Basarabi. **O manifesto da transdisciplinaridade.** São Paulo: Trion, 1999.

OLIVEIRA, Janduí Evangelista de; COSTA, Marcos Roberto Nunes. A felicidade na filosofia de Tomás de Aquino. **Ágora Filosófica**, Ano 11, nº 2, jul/dez. 2011.

OLIVEIRA, Osmar Nascimento; OLIVEIRA, Terezinha. O conceito de felicidade na filosofia: aproximações entre Boécio, Aristóteles, Epicuro e Sêneca. **Anais da Jornada de Estudos Antigos e Medievais**, Issn 2177-6687. Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2012/pdf/j-q/28.pdf>> Acesso em 14 de março de 2017.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Um signo arisco. **Folha de São Paulo**, 13 de junho de 1998. Resenha.

PFEIFFER, K. Ludwig. Estética alemã e japonesa. **Estética e Arte Contemporânea: entre a crise e a crítica. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Mária**, nº 28/29 (Jan./Dez. 2004). Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/viewFile/12104/7506>> Acesso em 13 de abril de 2017.

PINCUS, Leslie. **Authenticating culture in imperial Japan: Kuki Shûzô and the rise of national aesthetics.** Los Angeles: University of California Press, 1996.

PORANGABA, Alexsandro Tenório; TOLEDO, Alexandre Márcio. **Nenhuma cadeira é tão confortável quanto a minha: reflexões sobre o conforto do mobiliário.** 2010. Disponível em: <https://www.usp.br/nutau/sem_nutau_2010/metodologias/porangaba_alexsandro_tenorio.pdf> Acesso em 14 de novembro de 2016.

RODRIGUES, Júlia. Texto de apresentação da exposição coletiva **Grátis**, julho de 2004. Disponível em: <<http://www.galeriavermelho.com.br/pt/exposicao/3878/coletiva-gratis/texto>>. Acesso em: 20 de novembro de 2016.

RODRIGUES, Zuleide Blanco. **Os quatro pilares de uma educação para o século XXI e suas implicações na prática pedagógica.** Disponível em: <http://www.educacional.com.br/articulistas/outrosEducacao_artigo.asp?artigo=artigo0056> Acesso em: 2 de março de 2017

RYBCZYNSKI, Witold. **Casa: Pequena história de uma ideia.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

SARDELICH, Maria Emília, Leitura de Imagens, Cultura Visual e Prática Educativa. **Cadernos de Pesquisa**, v.36, n.128, p.415-472, maio/agosto.2006.

SCALZO, Marília. **Trinta anos de moda no Brasil. Uma breve história.** São Paulo: Ed. de Cultura, 2009.

SOUZA, Francisco Raul Cornejo de. **As formas da forma. O design brasileiro entre o modernismo e a modernização.** Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 2011, p.102-148.
Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-01112011-142415/pt-br.php>> Acesso em 24 de agosto de 2015.

SPINOZA. **Ética.** 2ª ed. 5ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

TORRES, Moisés Romanazzi. Conceitos Aristotélicos de cidade e de cidadão. **Outros tempos**, vol. 02, número 2, 2005. Disponível em:
<<http://www.outrostempos.uema.br/volume02/vol02art01.pdf>>
Acesso em: 2 de setembro de 2016.

YAMASHIRO, José. **História da cultura japonesa.** São Paulo: IBRASA Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1986.

YIN, Robert K. **Estudo de caso.** Planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ANEXO

CARREIRA PROFISSIONAL – JUM NAKAO

2016

- **Affect Weaving Turn** – Japão - Brasil Projeto artístico interativo sobre o valor da vida.
- Stand Lux Brasil - Light fair 2016 – San Diedo – Califórnia
Conceito de design e direção de arte: Parschalk e Jum Nakao

2015.

- **Bailes do Brasil** - exposição no museu da cidade. Relações entre moda, música e dança, desde a República no final do século 19 até os dias atuais. Curadoria de Ricardo Feldman e Jum Nakao.
- Workshop – **Projeto Arrastão**
Jovens de comunidade, estimulados a superar seus próprios limites em oficina de capacitação.
- **Vestido Conceito 3D** – emoldura tecido milenar para criar uma estrutura interconectada na forma de vestidos. Na celebração de 120 anos de amizade entre Brasil e Japão convidado pelo grupo Isetan Mitsuioshi.

2014

- **Shoes Case** – capa para calçados. A convite da Vans, participação como artista convidado e membro do júri da Vans Custom Culture Brazil.
- Inspire-se – concepção de uma agenda em branco na celebração dos **50 anos da Rede Globo**.
- **Que monstro te mordeu?** – Concepção visual dos personagens na série Que monstro te mordeu? Da TV Cultura do programa Rá Tim Bum.
- **O futuro é agora! – O papel da moda** – Museum Boijmans Van Blunigen Rotterdam, the Netherlands. Jum Nakao foi selecionado para exposição que aborda a postura crítica em relação ao sistema da moda e o papel da roupa na sociedade contemporânea.

- **Matéria Estelar** – direção de arte de um conto de fada musical para a cantora Rhaissa Bittar.
- **Hollywood Costume Museum** – Vestido de roteiro para o Oscar. Na comemoração de dez anos de realização do consagrado desfile de papel. A costura do invisível, Jum Nakao é convidado pela academia a participar do *teaser* da campanha do Hollywood Costume Museum.

2013

- **Fonte Efêmera** – obra artística sobre a esperança. Criada por ocasião do Festival *Prototype* na celebração da temporada Alemanha + Brasil 2013-2014.
- **Fender Traveller by Jum Nakao** – icônico amplificador com a comodidade de uma mala de bordo com rodas. Alemanha + Brasil 2013 e 2014.
- **Sonho no Pátio Batel** – uma instalação homenagem aos sonhos de uma cidade – Curitiba.
- **Número 3** – Coletivo de diferentes trios criativos. Jum Nakao criou um objeto lúdico multifuncional, o mobiliário #3 – mesa de centro, aparador, escada. Foram produzidas apenas 3 unidades do mobiliário #3. Cada unidade do mobiliário recebeu uma obra única de um artista de *street art* convidado pela King Cap.
- **Bola V** – Bola da copa com máscara símbolo das manifestações sobre a copa à convite da Apex e Brasil S/A.

2012

- **Cloud Dress – Fantastic** - Lille (França) – European Center for the *Innovative Textiles* – exposição *Futurotextiles* em Lille, na França para a Mostra *Fantastic*. Curadoria de Carolina David e colaboração da designer têxtil Luce Couillet.
- **Cerimônia de encerramento das Paralimpíadas de Londres 2012** – Inglaterra. Figurinos e elementos cênicos para a Cerimônia de Passagem da Bandeira Paralímpica para a futura sede em 2016 no Rio de Janeiro.
- **Cerimônia de encerramento das Olimpíadas de Londres 2012** – Inglaterra. Figurino cenográfico com luzes e cultura brasileira; encerramento da trigésima Olimpíadas em Londres, em que ocorreu a Passagem da Bandeira Olímpica para a futura sede em 2016 no Rio de Janeiro. Jum Nakao apresenta o Brasil

dos seus sonhos para o mundo, país onde todos são reis e rainhas, um país repleto de riquezas e felicidade.

- **Obra bibliográfica – Criatividade Brasileira: Gastronomia, Design e Moda.** Alex Atala, Irmãos Campana e Jum Nakao. Organizado pela psicanalista Andréa Naccache com colaboração da publicitária Ana Carmem Longobardi. Trata-se da discussão a respeito das condições de trabalho criativo no Brasil.
- **Bienal do livro – Senac** – idealização do espaço das Editoras Senac.
- *From the margin to the edge – Somerset House* – Inglaterra, obra memórias transportáveis, sonhos encaixotados sob curadoria de Rafael Cardoso.
- **Casa Cor 2012**, Brasil, com o tema: moda, estilo e tecnologia – concepção do espaço com duas estações do ano: outono e inverno, da qual recebe homenagem.
- **A hora do Brasil** – Catálogo, Brasil – Prêmio de excelência gráfica da ABIGRAF em 2013.
- **Awake-Guardian**, Itália – Obras produzidas com vidro em happening.
- **Reality Project – A hora do Brasil**, concepção e realização durante o Dragão Fashion 2012 em parceria com o Senac. Coleção desenvolvida em tempo real durante uma semana de moda.
- **If Concept Design Awards**, Alemanha – Fez parte do júri responsável pela seleção dos 100 projetos premiados no *If Concept Design Award*, prêmio direcionado aos jovens designers do mundo inteiro, desde 2012.
- **Design do Autor III** - lançamento da coleção de móveis por meio da empresa Schuster. Conceitos de harmonia, bem-estar e felicidade presentes nas obras de mobiliário.

2011

- **Salão Design – Casa Brasil 2011**, Brasil – Cidade de Bento Gonçalves no Rio Grande do Sul, concepção do espaço do Salão Design 2011, considerada a cidade do design, dentro de um galpão de 3434 metros quadrados.
- **Linha água viva**, Brasil – **O desenho do silêncio**, linha de mobiliário em metacrilato assinadas – O Invisível por Jum nakao.
- **Sul América**, Brasil – Coleção de **bolsas multi-conectáveis** em 100% algodão para Sul América Seguros.

2010

- Projeto Brasilidades do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – obra: **O Sonho de Darcy**.
- Dpot, Brasil – mobiliário: **Memórias transportáveis, sonhos encaixotados**.
- **Golden Toy**, Brasil – A convite da Galeria Ouvidor, *Golden Toy* foi criado como parte da exposição *toy me* na cidade de Fortaleza.
- **Vestígios Vestíveis**, Brasil – Performance onde uma instalação é vestida e desnudada na Bienal, que correspondeu a um *work in progress* que culminou com a transformação completa de uma instalação.
- **Please me Fashion**, Itália – Exposição com vestido construído a partir de sacos de lixo. *Fashion Intellectual* da mostra *Please me Fashion* com a obra luxdelix Sabbioneta Art Festival realizado em Mântova, Itália. A mostra foi realizada no Pallazo Ducale entre os dias 06 de junho a 18 de julho de 2010.
- Os Duplos, Brasil – Figurino para a peça – Os Duplos da Companhia São Paulo de dança.
- **Tok Stok**, Brasil – Mobiliário **Moving**, totem com módulos cúbicos giratórios.
- **A loto f**, Brasil / Itália – linha de **mobiliário em aço rendado** inspirado na Costura do Invisível.

2009

- **Oi**, Brasil – Projeto para lançamento de telefonia celular Oi em São Paulo. **Vestidos multi prismáticos** com faces irregulares para projetar a história da moda no Brasil.
- **Pratos Voadores**, Brasil – Projeto para leilão do Museu Lasar Segal. Segunda peça da série Memórias transportáveis, sonhos encaixotados expostos em Somerset, Londres.
- **Fast Shop**, Brasil – Ilustração para ações de final de ano da Fast Shop.
- **Luminária Cocar**, Itália - Feira de Design de Milão, participa a convite do Conselho Euro Brasileiro como diretor do Projeto Floresta Móvel com o projeto Cocar, luminária produzida com sobras de madeira.

- **Nespresso** – concepção da vitrine para o lançamento mundial no Brasil do café Premium Singatoba vinda da Indonésia.
- **Guaraná Kuat**, Brasil - direção de arte e concepção dos personagens caixa para o comercial do guaraná Kuat.

2008

- **Reproduzir**, Brasil – Distribuição gratuita de moldes em estações de metrô.
- **Festival *dela Criativitá***, Itália – Por quatro dias, de 23 a 26 de outubro de 2008, a Fortezza da Basso, em Firenze, se transformou em um laboratório aberto a ações, exposições e fóruns. Visões, viagens, descobertas foi o título escolhido deste ano para descrever um projeto que parte das celebrações do quarto centenário das descobertas celestes do gênio de Galileu Galilei. Dentro deste contexto, um vestido de papel foi exposto entre projeções de imagens.
- **Senac Moda e Informação**, Brasil – Projeto comemorativo do aniversário de 15 anos do Senac Moda e Informação.
- **Talentos do Brasil**, Brasil – Workshops em comunidades carentes. Participação nas comunidades de Manicoré no interior do Amazonas e Santa Rita no sertão da Bahia.
- **Universo Umbigo**, Brasil – Espetáculo com roteiro e direção de Marcelo Castro e André Abujamra, que apresentou uma fusão de linguagens artísticas com números circenses embaladas ao som da banda Karnac. Nakao assinou o figurino que consistiam em chapéus futuristas improvisados a partir de acessórios de cozinha.
- **The New Douse**, Nova Zelândia – Exposição de fotos e réplicas dos vestidos de papel.
- **Quando vidas se tornam formas**, Brasil / Japão – Luxdelix, vestidos de sacos de lixo.
- **CCBB Nipon, Brasil** – Instalação em que a passarela de um desfile é passagem para o visitante. A instalação Rasgo, exposta no CCBB de Brasília e CCBB RJ, é um convite ao olhar e ser visto.
- **PETS**, Brasil - Itaú Cultural – **mega instalação PETS** que ocupou as marginais do rio Tietê em São Paulo, em conjunto com o artista plástico **Eduardo Srur** com a obra intitulada **Quase Líquido**. Nakao desenvolveu mochilas a partir dos

resíduos da obra de Srur, que foram distribuídas em escolas públicas do município de São Paulo.

- **Tsurus**, Brasil – Bolsa ecológica. No ano do centenário da Imigração Japonesa, tema da 25ª edição do SPFW, a Passamanaria, empresa júnior do SENAC, convidou visitantes a dobrar um tsuru e receber uma bolsa ecológica assinada por Jum Nakao.
- **Centenário da Imigração**, Brasil – Projeto especial do centenário da imigração japonesa, concepção do espaço do pavilhão em São Paulo, cujo conceito é deslocamento, vazio e ar.
- **K – Generation, Doutex**, Rosset, Brasil – Alfaiataria desconstruída para coleção de malharia, para um dos maiores grupos têxteis da América Latina, marca Doutex, com tecidos K-Generation, uma linha de malhas produzida em maquinário ketten, com uma construção de tecido indesmalhável, que permite o corte a fio e com aspecto de tear.
- **Editora Abril, Revista Claudia**, Brasil – Campanha realizada para a revista Cláudia. Pensamentos e seus valores emanados do conteúdo da revista. Um vestido de páginas de revista.
- **Capital Fashion Week**, Brasil – Novos talentos da moda de Brasília e do Centro Oeste.

2007

- **Moradias transitórias**, Brasil – Escultura móvel que intervém na paisagem da cidade.
- **Molina Remix**, Brasil – Geringonças animadas: instalação participante da Mostra Sesc de artes.
- **Revolver MON**, Curitiba, Brasil – **O rato rói a roupa do rei de Roma**. Museu Oscar Niemeyer em Curitiba – instalação.
- **Dominici**, Brasil – **Risca de luz**, luminária ajustável pelo giro da cúpula. O conceito resgata os remotos princípios astrofísicos como o eclipse, o teatro de sombras. Uma luminária com iluminação modelável de forma simples de acordo com as nuances de momentos de cada ambiente.

- **Eggo**, Brasil. **Cegonha mecanizada de papel**. Evento de lançamento da mini-lavadora de roupas Eggo da **Brastemp**.
- **Chevrolet**, Brasil – 200 dançarinos formam a imagem de um carro. Direção de arte e figurino para o comercial do novo Ômega.

2006

- **IBAM**, Brasil – Pós-graduação Direção e Criação em Moda, Percurso 2006, desconstruir para construir.
- **Kseni – A estrangeira**, Brasil / Alemanha – “Kseni” Ópera de Jocy de Oliveira, quer dizer “A estrangeira” em grego.
- **Galliera, *Fashion Museum of Paris*** – convidado pela curadora Anne Zazzo para participar da Mostra Internacional dos **mais representativos trabalhos de Moda e de todo o século até hoje**.
- **Brastemp**, Brasil – Edição limitada de mini refrigeradores assinados por Jum Nakao.
- **Oxto** – assina a coleção da grife Oxto;
- **Curtlo** – lança uma coleção de bolsas para a marca, intitulada: Curtlo por Jum Nakao que é selecionada para a I Bienal Brasileira de Design;
- **Pão de açúcar**, Brasil – peça promocional para o Pão de Açúcar e Itaú, que assina a ilustração.

2005

- Ano do Brasil na França, França – O desfile e **exposição A Costura do Invisível**, integrante do evento Aquarela do Brasil, foi destaque do Ano do Brasil na França, realizado nas Galerias Lafayette, em Paris, por iniciativa da Agência de Promoção de Exportações do Ministério do Desenvolvimento e da Associação Brasileira da Indústria Têxtil.
- **A costura do invisível, livro e dvd**, Brasil. Lançamento do livro e dvd com o processo criativo do desfile de papel e seus desdobramentos, pela editora Senac.
- **Hoje é dia de Maria**, Brasil - TV Globo – concepção e criação de uma corte real da minissérie “Hoje é dia de Maria”.

- **Conflitos e caminhos**, Brasil - Mostras culturais do SESC – concepção e realização da exposição em que dois estilistas criam uma única peça.
- **Guga Kuerten** – passa a assinar as coleções do tenista Guga Kuerten.

2004

- **Módulos**, Brasil – Coleção inverno 2004 desfilado no São Paulo Fashion Week.
- **Banco do Brasil**, Brasil – Design de conceitos e figurinos, campanha Valores.
- **Viva Vida**, Brasil – diretor criativo da marca.
- **Nike**, vários países – Jum Nakao for Nike.
- FAAP, ABIT e MASP, Brasil – mentor criativo do projeto: **Instituto Brasil Arte e Moda**;
- São Paulo Fashion Week, Brasil – **A Costura do Invisível** – consagrado desfile-performance que o torna famoso no Brasil e no mundo.
- **Galeria Vermelho**, Brasil – Mostra “arte e mercado” com a obra “fonte dos desejos”.

2003

- **Tributo a Brothers Quay**, Brasil – Coleção - tributo à obra dos animadores Stephen e Timothy Quay.
- **Mostra de Arte e Fotografia – Imagética**, Brasil - Coleção **Tributo a Brothers Quay** – pela primeira vez um trabalho de moda faz parte de uma mostra de arte, com uma instalação que narra o processo criativo e de trabalho da coleção. Os trabalhos realizados na área de artes gráficas pelo studio design Lobo – books: Future Kitsch e Tributo a Brothers Quay arrebatarem prêmios e citações internacionais como: The One Show (EUA), “How Design” (EUA), “Creative Review” (Inglaterra) e ADG (Brasil).

2002

- **Du Pont**, Brasil – Projeto internacional do Hotel Icyra.
- Anos 60, Brasil – **Desfile inspirado nos anos 60** para a coleção de inverno, 2003.

- **Future Kitch**, Brasil – Coleção verão 2003 sobre a tecnologia e o tempo.
- **Alpinismo**, Brasil – Funcionalidade, Aconchego Coocon.
- **Dress Code**, Brasil – Desfile sobre *dress codes* equivocados.

2001

- **Êxodos**, Brasil – desfile – narrativa sobre viajante.

1999

- **Obi**, Brasil – Coleção sobre variações de construções do quimono e seu laço *obi*. Semana de Moda, Casa de Criadores.
- **Anjos**, Brasil – Coleção inverno 99, desfilada na Semana de Moda, Casa de Criadores.

1997

- **Peace & Passion**, Brasil – Coleção baseada na estética da violência.
- **Noh**, Brasil – Coleção inverno de 97 no Phitoervas Fashion, sobre a masculinidade, feminilidade, invólucros de proteção.
- **Bibelô**, Brasil – Coleção verão 96 no Phitoervas Fashion, tema da coleção sobre o personagem do cartunista brasileiro Angeli.

1996

- **Zoomp**, Brasil - Diretor de Estilo de uma das maiores empresas de moda no Brasil, e permanece por 6 anos.